

JORNAL DE 2^a FEIRA

JUNDIAÍ, 8 - 14 DE SETEMBRO DE 1975 — N.º 10

PREÇO DESTE EXEMPLAR

CR. \$ 2,00

CIDINHA CAMPOS

PAG. 12

A VOLTA DE KID MOAÇA

PAG. 10

A SOGA DO BARTIMEU

PAG. 5



DISTRITO INDUSTRIAL

ONDE ESTÁ A INFRA-ESTRUTURA ?

PAG. 6 E 7



É uma falta de absurdo!!!

Você conseguir 200 réis, dois amigos arrumarem um tostão cada um, comprar um maço de "Clarim" no bar da esquina da Adolfo Gordo, descer o buraco da rua Anchieta, atravessar o mato até a horta do Quim, lá na beira do córrego, consumir os 20 cigarros enchendo a boca de fumaça, aspirando e falando "meu pai, minha mãe, minha avó, minha tia", sem soltar fumaça, pra aprender a tragar!

Você tomar banho, jantar, sair pra rua (deixando os sapatos atrás do portão), brincar de pega na construção do Guido Mazo, pisar sem querer na poça de cal, lavar os pés na torneira da construção, entrar em casa, pedir a benção pra mãe e ir dormir!

Ou então, no verão, já sair de casa descalço, depois da janta, brincar de soldado-ladrão, espalhar chumbo (ou paia e chumbo?), espionar um casal de namorados, pular no quintal do Bellini pra roubar fruta, conversar coisa feia à luz do poste (esperando o suor secar), chegar em casa, lavar os pés na bacia de alumínio sentindo o frio do chão através da bacia, ouvir um finzinho de programa da Rádio Nacional, morrer de sono, jo-

gar a roupa nos pés da cama e dormir pelado, só com lençol!

Você dizer que vai à aula de catecismo e, em vez disso, passar pela cozinha e roubar um punhadinho de sal, sair e encontrar os amigos (um que roubou um pouquinho de banha embrulhada em papel, outro que pegou uma frigideira velha e fósforos) e ir caçar rolinha lá no campo, depenar, limpar e fritar as bichinhas, repartir entre os três (o peito pro Juca que é o bom no estilingue), esconder a frigideira no mato, se limpar o melhor que der e chegar em casa com cara de anjo!

Você ir com um amigo à Casa Maia, na rua São José, um ficar conversando com a vendedora enquanto o outro rouba três ou quatro carneirinhos, Rei Mago não que já tem, um pastor carregando uma ovelhinha, uns dois pati-

nhos, pra depois correr pra casa e completar o presépio pondo os carneiros sobre o limbo verde e os patinhos no espelho que serve de lago e, na véspera do Natal, tomado por uma emoção meio santa, colocar — só então — o Menino Jesus na manjedoura!

Você ter que tomar uma dúzia de injeções de Cálcio Ostelin e levar a embalagem de lata à farmácia Martins, deixar lá dizendo que virá mais tarde tomar a do dia e nunca mais voltar e, mais tarde, ouvir dizerem que você tem bons dentes porque tomou muito cálcio em criança!

Você vestir o terno de linho branco, a camisa de jersey de gola esporte (a gola por fora do paletó), pentear o cabelo com um pouco só de Glostora, engraxar o sapato marrom de sola "packard", ir até o ensaio de formatura da turma da 4.ª série na Associação, esperar até tocar uma música mais lenta, quando começar "Acapulco" com a Emilhinha Borba tirar pra dançar a prima do amigo, que veio de São Paulo, e na hora errar tudo e ir pra casa furioso e prometer que nunca mais vai dançar!!!

O título é

Copyright de

M. F. Muzaiel Inc.,

filiada

à OPEP

ERAZÉ MARTINHO



**TIPOGRAFIA
JUNDIÁ**

**IMPRESSOS
EM GERAL**

Rua Cel. Leme da Fonseca,
210 — Fone: 6-3099

PANSERVIÇOS

Composições Linotipográficas
Encadernação — Desenhos
Rua Marechal Deodoro da
Fonseca, 565

Eu não te disse ledor, que era tudo papo furado?
Que ninguém tinha peito para tomar posição?
Pois é. A estas horas, como a sua irmã gêmea da Educação, a Jurídica da Prefeitura já se encontra inteiramente "reestruturada".

Moucos, cegos e surdos à catilinaria do povo, os "miningildos" da colenda mandaram brasa. E foi assim que mais catorze vampiros passaram a amorregar o corpo magro e sujo da velha Petronilha.

Androlatras de um cacique de operetas, os "miningildos" não lograram resistir aos enlevos do cujo.

Que importa os xingamentos de ontem se os acenos de hoje são tão compensadores?

Cá entre nós, ledor — são uns vivaldinos os "miningildos" da colenda.

Mas, deixemos isso p'ra lá, considerando que o mundo sempre foi dos vivaldinos.

Há que se falar em coisas muito mais cabeludas.

Por exemplo — o tal de "2.966" que abiscoitou um adicional de quase 4 bi, para pagar os comissionados. Os comissionados, sim, porque o resto é cortina de fumaça.

Como se vê, a verba dos chupetas será super-estourada. Também, pudera, desse jeito não há tatu que aguente.

As secretarias que os "miningildos" reestruturaram estão mordendo mais do que piranhas.

E temos outras já em gestação, que eles vão aprovar sem tossir nem mugir, em troca do "bom trato" que lhes está dando o cacique. "Noblesse oblige" — é o que dizem — o que vale dizer trocado em linguagem caipira — dá cá, toma lá...

Todavia, voltando ao "2.966"; ora convertido na lei 2.127:

De onde é que vai sair a grana, se as verbas orçamentárias já estão praticamente a nenhum?

"Qui lo sá". O fato é que d'algun lugar tem que sair porque senão a vaca vai p'ro brejo.

Imaginem só, se no fim do mês, faltar milho no coxo, o berreiro que vai ser.

Ainda mais agora que inventaram uns achegos a título de nível super-sapientis, quer dizer, universitário.

Falam até de um careta que já paparicou trinta mil millos de "nível" atrasado.

A grana tem que sair, não importa de onde, mas tem que sair.

Não me lembro quem contou

Coisa ainda mais repelente

Estão querendo enfiar a mão

Nos cobres do S. Vicente

Se tal crime acontecer

Seja por isto ou aquilo

Alguém tem que responder

E esse alguém... Será quem?

SIMÃO

cartas



Sr.: "Meus cumprimentos pela coragem moral desse jornal em denunciar publicamente tudo aquilo que vai pelas esferas municipais, em prejuízo do futuro da nossa Jundiá. Muita gente pensa a mesma coisa, mas não fala. Sabe como é, pode complicar."

Lamentavelmente, tenho a minha parcela de culpa no que está acontecendo. Por exclusão comparativa entre os candidatos, ajudei — eu e alguns milhares de eleitores hoje decepcionados — a eleger quem hoje ocupa o cargo que muitos outros souberam honrar. (...) Lendo a Certidão publicada na página 9, do n.º 7, do J 2.ª, na última linha chamou-me a atenção um detalhe importante, que merece exame: em que data

os "outorgantes-vendedores" adquiriram a referida área ora transacionada? Já ocupavam, nessa data, cargos públicos? O traçado da famosa Avenida Córrego do Mato — a avenida que ligará "nada" a "coisa alguma" — já previa seguir até o Trevo de Itu? Qual o valor da aquisição do espólio mencionado? Qual a avaliação da área para fins de tributação do Imposto Territorial? São respostas que, sem dúvida, permitirão tirar conclusões objetivas sobre o perfil moral daqueles que, por pouco mais de um ano, ainda terão o poder em suas mãos". Jairo Silvestre dos Santos.

O leitor encontrará as respostas na página ao lado, sob o título "Cartadas".

EXPEDIENTE — JORNAL DE 2.ª-FEIRA

Propriedade da Editora Japi Ltda.

Rua Senador Fonseca, 1.044

Redator-Chefe: Celso Francisco de Paula

Capa: Araken Martinho

Ilustrações: Ivan Martinho e Suzana Traldi de Souza

Officinas Impressoras: "Diários Associados"

Rua 7 de Abril, 230 — São Paulo

Assinaturas

Semestral — Cr\$ 70,00 e Anual — Cr\$ 120,00

O preço do erro

É extremamente melancólico ver a maneira desastrosa com que vêm sendo realizados os investimentos públicos na atual administração. Numa porfia quase que desesperada, o executivo vem-se empenhando, com força total, na execução da sua grande obra: o Sistema Viário de Jundiá.

Não há dúvida que as novas avenidas são necessárias para o desenvolvimento de nossa cidade. O que está errado, profundamente errado, é a forma com que elas vêm sendo feitas. Os serviços são realizados a preços unitários exorbitantes, dentro de um contrato apontado como extremamente nocivo ao município. Não se pode evitar um sentimento de revolta e de tristeza quando se observa o imenso movimento de terra executado, e se lembra que os preços pagos chegam a ser quatro vezes maiores que os custos normais destes serviços!

Mesmo fazendo abstração dos absurdos preços unitários, ainda há muito a discutir quanto à execução global do sistema projetado. A construção de uma avenida compreende várias etapas, desde a desapropriação das áreas atingidas e do movimento de terra, até o acabamento final, com a iluminação, a sinalização e o paisagismo. Muitos trechos do Sistema Viário precisam ser completados desde já, pois serão intensamente utilizados. Outros trechos, mais afastados, poderiam ficar incompletos, limitados às fases iniciais de construção, sem maiores proble-

mas. Não se justificam os investimentos violentos com o seu acabamento, dada a sua restrita utilidade imediata. Os recursos necessários seriam melhor aplicados em outras obras mais urgentes e inadiáveis.

Para julgar melhor o que representa o contrato de execução do Sistema Viário, é só considerar os valores envolvidos. O orçamento inicial, de janeiro de 1974, era de 178 milhões de cruzeiros. Com os reajustes monetários, este valor sobe hoje para 300 milhões. É um montante considerável, para a construção de quatro avenidas com dezoito quilômetros de extensão, ao todo. Esta quantia de 300 milhões seria suficiente para colocar guias, sarjetas, pavimentação e arborização em 400 km de ruas! Ou para asfaltar 800 km de estradas!

Existem na cidade de Jundiá cerca de 30.000 unidades residenciais. O rateio daqueles 300 milhões representa uma parcela de Cr\$ 10.000,00 por residência! Lembrando que o asfalto em frente a uma casa custa em média dois mil cruzeiros, a construção das avenidas, dentro do contrato milionário, equivale a fazer e desmanchar de novo, por cinco vezes, a pavimentação em frente de todas as casas de Jundiá.

Em última análise, a execução do Sistema Viário, nas condições em que vem sendo feita, significa uma contribuição de Cr\$ 10.000,00 de cada família de Jundiá. Lembrando as condições em que vive a maior parte destas famí-

lias, pode-se facilmente concluir sobre a prioridade de tais obras e sobre o seu custo social.

Sob o ângulo da economia do município, também não faz sentido o plano de execução global do Sistema Viário. Nossas receitas aumentaram bastante, graças ao incremento do ICM, principalmente no período 73-74, e graças, também, ao brutal aumento dos tributos municipais. Mas nossa administração conseguiu fazer crescer as despesas em ritmo maior ainda, dissipando assim o fluxo de recursos conseguido! Pouco melhorou nossa capacidade de investir. No orçamento de 1975, com uma receita prevista de 95 milhões, descontando-se as despesas correntes, sobram menos de 30 milhões para investimentos. Dentro deste quadro, e considerando ainda a extensa gama de necessidades não atendidas da população, é difícil encaixar, em sã consciência, os 300 milhões de aplicações no Sistema Viário.

Quer sob o ponto de vista da viabilidade, quer sob o ponto de vista da conveniência coletiva, o projeto de construção do Sistema Viário peca pela origem. Podemos afirmar que "a priori", antes mesmo da concorrência, ele já era inadmissível. Só que esta inviabilidade lógica e econômica é bastante conveniente para a firma empreiteira, pois os serviços iniciais, já executados a preços altíssimos, constituíram indubitavelmente os bocados mais saborosos do prato cheio das obras contratadas.

FRANCISCO DE ASSIS OLIVA

Cartadas

Entre muitas outras repercussões, a nossa reportagem sobre a venda de áreas pelo prefeito, para a construção de uma indústria, provocou uma carta do leitor, sr. Jairo Silvestre dos Santos, a quem responderemos com dados, esperando que ele, como todos, possam "tirar as conclusões objetivas sobre o perfil moral daqueles que, por pouco mais de um ano, ainda deterão o poder em suas mãos".

1) Os srs. Ibis Pereira Mauro da Cruz, Arnaldo Martins dos Reis e Lázaro de Freitas Nunes adquiriram de Alexandre Saska

uma gleba de terra, na Vila Hortolândia Jundiáense, com a área de 62.516 m². A compra deu-se através de "compromisso de venda e compra", datado de 19 de setembro de 1973. Dessa gleba é que foram destacadas as áreas vendidas à Concrebrás e Maks Behar, num total de 25.520 m², pelo valor de Cr\$ 2.000.000,00. Da área original restam, portanto, 39.896 m².

2) Na data da aquisição — 19-9-73 — dois dos outorgantes já ocupavam os seguintes cargos públicos municipais: prefeito e se-

cretário da Saúde. Convém ressaltar, ainda, que o prefeito somente deu publicidade ao seu plano, depois de comprar o terreno.

3) Quanto ao traçado da Avenida Córrego do Mato, ele era mantido em maior segredo, naquela época. A alegação do segredo, segundo o prefeito: impedir a especulação imobiliária junto à futura avenida(!).

4) No que diz respeito à avaliação da área para fins de tributação do Imposto Territorial, essa é uma boa pergunta, cuja resposta também gostaríamos de obter.

Independência ou Morte!

Criança, você que marcha em homenagem à Independência do Brasil, pisa firme que esse solo é seu. Não se esqueça, porém, que esse asfalto negro pode representar uma mortalha, mortalha tinta, mortalha escara, que recobre a pureza de lírio, branco como o mármore da lápide de Martins, Miragaia, Dráuzio e Camargo. Nove de Julho foi o nome dado a essa avenida.

Defensores, com a própria vida, de uma Constituição e de uma liberdade de pensamento, melhor achariam eles que o nome dado a essa avenida de trânsito popular fosse outro. Porém, entre as datas de 23 de Maio, em que foram massacrados, até o da Independência, 7 de Setembro, encontram-se outras que não puderam ser escolhidas. Por exemplo, o 24 de Maio, em que o Exército nacional, através de seu patrono, o Duque de Caxias, conclamou "Quem for brasileiro que me siga!" nos idos tempos de Tuiuti. Nosso prefeito não poderia aceitar tal sugestão, pois seria pretender que a juventude brasileira o seguisse.

Poderia o sr. Alcaide ter escolhido a data de 11 de Junho, mas essa também não preencheria as pretensões que o movem. Longe está ele de representar Barroso no calor da Batalha de Riachuelo a conclamar uma nacionalidade e a dizer: "O Brasil espera que cada um cumpra com o seu dever".

Qual vasta mortalha a cobrir os Cerros do Cabrito, não teria Pirajá condição de ser esquecida pelo sr. Alcaide, pois foi lá que as tropas brasileiras, com o sangue de um ideal, acabaram por expulsar o opressor português, em 2 de Julho.

Não poderia ser o nome desse caudal de trânsito motorizado o 11 de Agosto, pois nesse dia foi criado o primeiro curso jurídico da Terra de Santa Cruz e isso viria lembrar ao público toda a falha de um processamento e de uma razão de direito.

Melhor seria denominar a avenida do Córrego do Mato, de Avenida da Liberdade. Mas talvez isso provocasse aos dissidentes do plano de asfaltamento, lembrando-os do seu direito de contestação — e longe estaria o sr. Alcaide de admitir tal coisa.

Lembraríamos ainda um bom nome, qual seja, Avenida da Paz. Mas desde os idos da última eleição à Prefeitura de Jundiá, esteve em choque o sr. prefeito com o slogan "Paz com Ibis", que norteara seu argumento eleitoreiro de final de campanha para convencimento dos munícipes, que hoje o renegam pelas querelas impostas pelo mesmo e que se distanciam da índole pacata do povo jundiáense.

Chora a musa e chora tanto. Não há de a infância escolar de esquecer-se, na data pátria da Independência, dos constitucionalistas, do MMDC, que deram suas vidas por uma Pátria maior e que fizeram deles o dito do patriarca José Bonifácio: "Da mortalha de seus mártires/fez bandeira à tirania./Oh armas, talvez o povo/de seus ossos façam um dia".

No SUPERMERCADO ELIAS
os preços são sempre ofertas.

SUPERMERCADO ELIAS

Rua Bom Jesus de Pirapora, 2757 a 2763. Tel.: 4-1775
Estacionamento próprio

Legislativo e Executivo - V

Os líderes de bancada são vereadores eleitos pelos seus companheiros no começo de cada legislatura. A legislação eleitoral e os regimentos internos dos Legislativos preveem prerrogativas ou prioridades, cabendo-lhes indicar membros para comissões especiais, falar em nome dos demais, dispondo de mais tempo e oportunidade no uso da palavra.

O líder é membro nato do Diretório Municipal e da Comissão Executiva do partido, sendo-lhe assegurado o direito de votar nas convenções municipais com dois votos, o de vereador e o de líder.

Verifica-se, desde logo, que sua missão é de muita importância na condução e no comportamento da bancada partidária. Se é bom, está claro que o nível de atuação dos companheiros será melhor, uma vez que conseguirá, como autêntico chefe obter o rendimento ideal.

Para uma apreciação ligeira das funções do líder, podemos alinhar que lhe compete, principalmente: a) liderar os companheiros em todas as oportunidades; b) representá-los nas reuniões do partido; c) representar o partido na sua bancada; d) representar os companheiros junto ao Executivo; e) representar o prefeito no Legislativo, quando o mesmo pertencer à sua agremiação partidária.

Liderar os companheiros é tarefa muito difícil porque ainda não há um espírito partidário muito acentuado que possibilite um comportamento adequado, mas poderá ser conseguido, na medida das qualidades, conhecimento e inteligência.

Na liderança é parte inerente à defesa dos companheiros em todas as ocasiões, quando defende seus projetos, idéias ou posições. Não quer dizer aprovar tudo. Uma defesa inteligente poderá até resultar numa rejeição.

Participando das reuniões do partido, deverá transmitir tudo aquilo que se passa no Legislativo e que tenha interesse político. Da mesma forma deverá levar aos companheiros as diretrizes partidárias ou o pensamento dos dirigentes sobre o comportamento dos vereadores. Como se vê, é o líder, acima de tudo, um autêntico relações públicas.

Muito mais ainda considerando a delicadeza das relações Executivo-Legislativo e Legislativo-Executivo. Reside nesse trabalho a necessidade daquele algo mais necessário para se obter um bom líder numa Câmara Municipal, onde o partido do Executivo é majoritário.

O líder deve estar atento a tudo e quando oportuno agir corajosamente. Deve, todavia, possuir discernimento e capacidade suficiente para, e isso é fundamental, vencer e conquistar.

Na realidade, porém, os prefeitos escolhem seus líderes, e entendem que devem ser de sua confiança, enquanto que, necessariamente, de-

veriam ser escolhidos livremente pelos companheiros e sempre aquele capaz de reunir a confiança dos liderados.

Aqui é que passamos a discordar. O líder é de bancada e não do prefeito. Há um engano até no tratamento. Se o líder muitas vezes desempenha papel de porta-voz

do prefeito não quer dizer que é o seu menino de recado. É porque tem a missão de informar, de encaminhar assuntos. Quando se discute projetos o líder não pode estar por fora.

Mas estar por dentro não significa que exerce a função de transmitir ordens. O líder que se presta a transmitir ordens do prefeito, já não o é, já se nega, já se classifica incapaz.

Para um bom desempenho, deverá estar preparado, com as diretrizes partidárias, pelo entendimento prévio com os companheiros, pelo conhecimento de causa e sobretudo independência para aprovar ou rejeitar.

Os prefeitos não entendem (especialmente o de Jundiá) que o líder poderá levar a sua bancada a rejeitar um projeto seu. A necessidade que tem o líder de frequentar os gabinetes e conhecer os projetos com antecedência não quer dizer que sua atuação deverá ser de subordinação.

Quanto ao líder da oposição, suas funções, aparentemente são mais fáceis. Puro engano, assume um trabalho que lhe exige capacidade em dobro, agiganta-se mesmo, para suprir possíveis deficiências da maioria no campo da fiscalização.

Sendo a fiscalização dos atos do prefeito uma das obrigações mais sérias dos vereadores, o líder da oposição.

Apreciaremos a seguir as convocações de sessões extraordinárias realmente passíveis de crítica.

VIRGILIO TORRICELLI

Prefeito cai em si e concorda com os dissidentes

Não é preciso ser muito inteligente nem muito culto (o Mobrál já é suficiente) para se entender que os municípios que discordaram do Plano de Pavimentação proposto pelo sr. Alcaide foram aqueles que sacaram o despropósito do preço exigido e os que realmente não iam ter condições de pagá-lo nem mesmo em 24 meses. (Este raciocínio não invalida a hipótese de um mesmo município ter compreendido as duas coisas).

Pois bem; para punir os insurretos, o sr. Alcaide fez constar da sua lei pro asfaltamento um artigo segundo o qual para estes o parcelamento não podia ultrapassar dos 18 meses, ainda assim levando em conta o seu percentual em cada bairro. Quer dizer, o prazo de 18 meses só ia ser concedido quando os discordantes, num determinado bairro, perfizessem um total acima de 30% (santa burrice!).

Tendo percebido, porém, que uma cláusula como essa não fazia mais do que estimular a dissidência, o sr. Alcaide mandou a Câmara novo projeto, desta feita reduzindo para um máximo de seis meses o prazo de pagamento para os discordantes. Com esta atitude, que bem o fazia merecedor de uma auréola, o sr. Alcaide quase conseguiu por seu plano de pavimentação por água abaixo, visto que, aí sim, ninguém (dos discordantes) ia ter condições de pagar o asfalto.

Mas, finalmente, iluminado pelo lampião de Minerva (por acaso, tinha ela algum lampião?), resolveu o sr. Alcaide substituir o prazo estipulado em tal artigo por um outro muito mais dilatado, ou seja, 30 meses, aliás, conforme já vem estabelecido no artigo 211 do Código Tributário Municipal em vigor desde 1969.

Disso tudo se depreende que o sr. Alcaide continua relutando em obedecer os preceitos legalmente estabelecidos para a tributação dos nossos municípios (observe-se que ele ainda mantém o prazo de 24 meses para os concordantes do plano de asfaltamento) ou não percebeu ainda que está muito mal assessorado jurídica e administrativamente. Hipótese esta que também não invalida a primeira.

Ora, se era sua intenção impor seu plano de asfaltamento a todo custo e a qualquer preço, e se já houvera até mesmo combinado com a firma A. Gutierrez a execução desse plano, por que, então, a consulta aos srs. proprietários sobre sua concordância ou não com as condições pré-estabelecidas? E por que, também, tantos apelos publicitários pela imprensa e rádio locais? Não teria sido mais simples determinar a execução do asfaltamento e, ato contínuo, aplicar a disposição do artigo 211 do Código Tributário Municipal, fazendo com que todos, independentemente de querer ou não, arcassem com o pagamento em 30 parcelas?

Ante evidência tal, a alternativa que nos resta é concluir que o sr. Alcaide, além de atender as pretensões da firma A. Gutierrez, desejava também impingir aos municípios o recolhimento da taxa de pavimentação antes do término de sua gestão, temeroso, talvez, que o plano fosse por água abaixo por falta de recursos financeiros da própria Municipalidade. O que, aliás, parece já estar acontecendo.

Hospital São Vicente sofre punição do Tribunal de Contas

Por ter deixado de prestar contas da aplicação de uma verba de Cr\$ 35.120,00, recebida em 1974, o Hospital São Vicente de Paulo foi contemplado com a lembrança do seu nome numa relação feita publicar pelo Tribunal de Contas do Estado, das entidades que ficaram impedidas de receber novos auxílios e/ou subvenções dos Governos do Estado e do Município.

O edital do Tribunal de Contas lembra que o impedimento abrange, inclusive a remuneração de "leito-dia" e "leito per capita", como também a assinatura de qualquer tipo de convênio ou contrato com órgãos estaduais ou municipais que impliquem em futuros pagamentos.

Situadas na região de Jundiá, também deixaram de prestar as contas da aplicação de auxílios recebidos as seguintes entidades: Casa de Santo Antonio, de Itatiba, Cr\$ 12.000,00; Irmandade da Santa Casa de Vinhedo, Cr\$ 6.000,00; Associação Atlética Elekeiroz, de Várzea Paulista, Cr\$ 2.000,00; Associação de Pais e Mestres do Grupo Escolar "Jerônimo de Camargo", de Jarinu, Cr\$ 1.800,00; Paróquia N. S. do Carmo, também de Jarinu, Cr\$ 2.000,00; Corporação Musical N. S. do Carmo, ainda de Jarinu, Cr\$ 2.000,00; e União Missionários dos Adventistas, de 7.º Dia, de Louveira, Cr\$ 1.200,00.

O momento político

Na presente conjuntura da vida pública todos a "una voce" criticam a administração Municipal.

Só não a indigitam como das piores aqueles que direta ou indiretamente a ela estejam ligados pelos liames de interesses subalternos.

A população é tão pródiga na manifestação do seu desagrado quanto no desejo de ver o tempo passar para os efeitos de uma renovação de seus representantes quer no Executivo quer no Legislativo.

O povo exangue pela vascularização de suas economias evadidas nas sucessivas majorações tributárias, sem sentir a aplicação de seu dinheiro na demanda de obras e melhoramentos prioritários, já que a água, as avenidas e a pavimentação se sustentam em empréstimos específicos, estigmatiza o governo como inoperante e dissipador da sua contribuição ao erário.

E daí nasce o seu anseio para que as atividades administrativas retomem o ritmo exigido pelo surto vegetativo de desenvolvimento e progresso da cidade.

Até aí admite-se tudo como muito compreensível e muito meritório.

Que se leve desfraldada por todos os bairros e subúrbios carentes de serviços de infra-estrutura a bandeira da renovação.

Todavia, desse desejo emerge a pergunta que melancolicamente permanecerá sem resposta para aproveitamento dos oportunistas.

Onde se acham os bons jundienses, de nascimento ou de adoção, que se propõem a formar uma equipe administrativa capaz de conduzir a nau municipal ao porto de seus verdadeiros destinos?

Convidar um desses contrerrâneos para a Prefeitura ou a Câmara é provar o desprazer de ver escorregar-lhe pelo canto da boca um sorriso sardônico de quem recebe a proposta como imponderável atentado à sua dignidade e conceito popular.

Isto acontece numa cidade que se situa entre São Paulo e Campinas onde homens da mais tradicional estirpe e posição social disputam o privilégio de servir a sua terra à testa dos públicos negócios municipais. Oxalá se adatem ao dito da moda e... mexam-se.

ÉLCIO VARGAS

F&R

PRODUTOS ALIMENTÍCIOS FLEISCHMANN E ROYAL LTDA.

OFERECE OPORTUNIDADE A

ESTAGIÁRIOS DE PRODUÇÃO

Moços, com nível colegial ou técnico, para serem treinados, visando futuro cargo de Supervisão. Deverá cumprir horário de revezamento.

Os candidatos serão atendidos à Rua Jorge de Lima, n.º 211 — Vila Liberdade — no horário das 8 às 16 horas.

MEMORANDUM

O começo era a esquina, a calçada, e depois do cinema.

Uma festa, o cumprimento, a mão e depois a outra mão, o baile, a polca, a chuva, a promessa e mais tarde o filme, o drops, a vigilância.

Embaixo, na praça, a imagem da foto na janela do quarto andar. Depois um livro, um pretexto, uma visita, a poesia e o disco.

Um terno, a esquina e sempre a vigilância.

Fazia muito calor e ninguém tinha pedido nada a ninguém e nem jamais pediria.

Fazia muito calor nas tardes de sábado, havia o esmalte, a acetona, o cabelo, o avental curto xadrezinho branco e azul, branco e azul.

Era muito curto o avental xadrezinho, e quente a tarde.

Simples, muito simples a descoberta do pecado, e nada original.

Mais tarde, mais longe, um simples rosto refletido na areia de Olinda, na hora do amanhecer, e a vontade de voltar correndo, correndo, ou de ficar ali escrevendo na areia, ao lado de Toinho, de Cristo, de Sando, de Martinho e dos outros. Escrever o que, que a onda vinha e apagava? Melhor no papel, que ninguém apagava. Cheiro de marisco, gosto de bate-bate



na boca, uma caneta, um papel de embrulho, só uma imagem e algumas palavras mal lapidadas.

Voltar, sempre se volta.

Houve outras madrugadas iguais, no norte, no sul, em Manhuaçu, em Quixadá, não sei mais onde.

Na volta, a corrida, o sorriso, o abraço. A surpresa envergonhada de um dente quebrado; a retribuição com a boneca de pano bem simples, a jangada, o vaso de pedra sabão, a vontade daquele avental xadrezinho muito curto.

Outra tarde quente de sábado, mas uma tarde com morte. Simplesmente o vazão da morte do melhor amigo. E a vontade de compensar essa ausência com uma presença. E' que só ali se viu que essa pre-

sença tinha que ser definitiva.

Houve também noites de muito calor, muros, desvios, uniformes brancos e verdes.

Veio o aprendizado do mar, o sal, as palavras, a iniciação, uma leve, simples, delicada e frágil perversão.

A stardes de estádio, as bandeiras, o grito, a explosão, o pretexto do abraço. As noites, os bares, a cerveja, a canção, o susto, os medos e os gritos.

A imagem da foto da janela do quarto andar foi para a carteira.

Hora em que as suaves imagens chamavam à realidade.

Tudo e tudo igual, tudo e tudo novo por meses e anos.

Depois a casa, o pinheiro, o lustre, a lâmpada, a fechadura, a televisão, o terno, o sapato.

A alegre balbúrdia da festa, o alegre troar dos amigos. A cama, o guarda-roupa, o lençol, a cera, a sopa, a grama molhada.

O documento, selado, assinado, registrado num livro imenso. A música, o padre gordo, um leve tremor nas faces, muito suor escorrendo pelo rosto, o calor, a praia, a areia, os botos.

E quem se lembra do avelental xadrez?

(.....)

Até que a morte vos separe. Ou então a vida.

SANDRO VAIA

A sogá

A sogá é uma corda curta e grossa com um laço corrediço na ponta. Serve para sujeitar os bovinos ao palanque, com o laço corrediço passado pela base dos chifres. Quando o animal é descornado (mocho, sem chifres), usa-se uma sogá com laço fixo, passado pelo pescoço do bicho (com nó fixo evita-se que o tal morra esganado no forcejá). E' pra escrevê "forcejá" mesmo, porque forcejá é diferente de "fazer força". Forcejá é ficar empacado nas quatro patas, pescoço e cabeça tudo esticado, numa aflição desesperada, endoidecido de doidice sem fim. E' aquela raiva, frustração igual nunca se viu, que você sente quando o seu carro enguiça, todos os planos feitos para um grande encontro indo por água abaixo, e você dá tudo o que tem, empurrando o carro sozinho, sem ninguém na direção, até aquela descidinha que está ali mesmo, e você não consegue, p'pisando na

língua querendo respirar todo o ar do mundo, vontade até de chorar...

Forcejá não é só isto de fazer aquela força acima, muito acima de nossas forças. E' também ficar calado, todos os sentidos atentos, os zóio querendo atravessar a escuridão do desconhecido, a espera do perigo iminente, atitude de caboclo "mão na faca, pé atraís e corisco nos zóio". O que eu quero dizer é que quando a gente escreve há certas palavras que carecem ser escritas embora não estejam no dicionário. Quando se escreve tabôa, tem que ser assim. Não pode ser taboa e nem táboa. Eu sei que taboa é tabôa e não táboa. Mas se não tiver um chapeuzinho no o não é tabôa. E nem precisa — você aí — ficar com esse sorrisinho gramatical; eu sei que o chapeuzinho se chama acento semicircunfláutico.

Agora que já dei minha liçãozinha de orthographia pr'a vocês daí de cima (o

certo é "voceis"), vamos ao que interessa: Voltemos à sogá.

A sogá prende o boi ao palanque. Quando eu era pequeno (não consegui ficar grande), existia tempo de tudo, tempo de "as coisas". Vinha o tempo de balão — balão mixirica, balão charuto, balão... Vinha o tempo de pião, pião batata, pião perececa, pião durmidô... Vinha o tempo de bolinha de gude, na hora da estecada eu trocava a bolinha por uma de aço de rolemã e fazia voar caco da bolinha do adversário, era aquela risadaiada em geralmente tudo, alegria tamanha nunca mais! Vinha o tempo de empinar pagagaio, vinha o tempo de pulá-namula, vinha o tempo de...

Em política também é assim. Tempo de debates na Câmara, tempo de processos, tempo de recesso, tempo de visita aos eleitores, tempo de palanque...

Em 1976 vai chegar o tempo de palanque. Tempo tão

movimentado assim não se pode perder. Estou curioso para saber o que eles vão prometer desta vez. Até parece que estou vendo: nós, os eleitores, aqui embaixo; eles, lá em cima do palanque tentando prender-nos com a sogá da promessa fácil:

"Que vai dá água" — nós num qué, é muito cara.

"Que vai dá esgoto" — nós num qué, é igual a água.

"Que vai dá asfalto" — pelamor de deus, não! (deus com d miúdo, que nesta estória falar no verdadeiro é heresia).

"Que vai dá iluminação pública" — nós num qué, ela é paga e é só no escuro que nós, os maiores abandonados, fazemos no barraco menores abandonados.

"Que vai dá diminuição de impostos" — não pode sê, tamos endividados por dez anos...

"Que vai dá..." — que será?

Para ser candidato ainda, até melhor sugestão, sustento a tese de que o cidadão deveria ser submetido a um exame geral de capacidade intelectual. Se aprovado e depois eleito, deveria fazer um curso de administração pública e de dinâmica de grupo.

Um dia destes a sessão da Câmara estava super tumultuada, com o presidente exasperado. Parecia até muito ensalado, pois não havia motivo para tanta celeuma. A Liberdade aliada à Inteligência gera o Consenso, se houver treino em dinâmica de grupo. Como os senhores edis não estão treinados na tal dinâmica, se exasperam com tanta facilidade.

Vou abrir uma escola para candidatos à vereança. Sempre tive esta triste sina: a de dedicar-me a atividades sem futuro...

O BARTIMEU

PALLETS E EMBALAGENS DE MADEIRA. MATERIAL PARA CONSTRUÇÃO. MADEIRAS EM GERAL, PARA INDÚSTRIA E CONSTRUÇÃO.



MADEGERAL

O maior mercado de madeiras da região.

Rua da Várzea, 131 — Telefones: 4-3166, 4-3822 e 6-7366

Que está acontecendo com o Planidil?

Nascido das melhores intenções dos judiaenses, criado com tecnologia atual e, mais que isso, com a sensibilidade que só o trabalho diário na cidade e com a cidade pode trazer, o Distrito Industrial de Jundiá está hoje encruado. Indústrias que vieram para cá seduzidas pelo Plano de Incentivo ao Desenvolvimento Industrial

(Planidil) e pela promessa de implantação de uma infraestrutura condizente, permanecem reclamando as instalações não feitas pela Prefeitura; empresas dispostas a vir, sentem-se impedidas pela falta de condições básicas, como acesso e algumas obras mínimas necessárias ao uso dos terrenos.

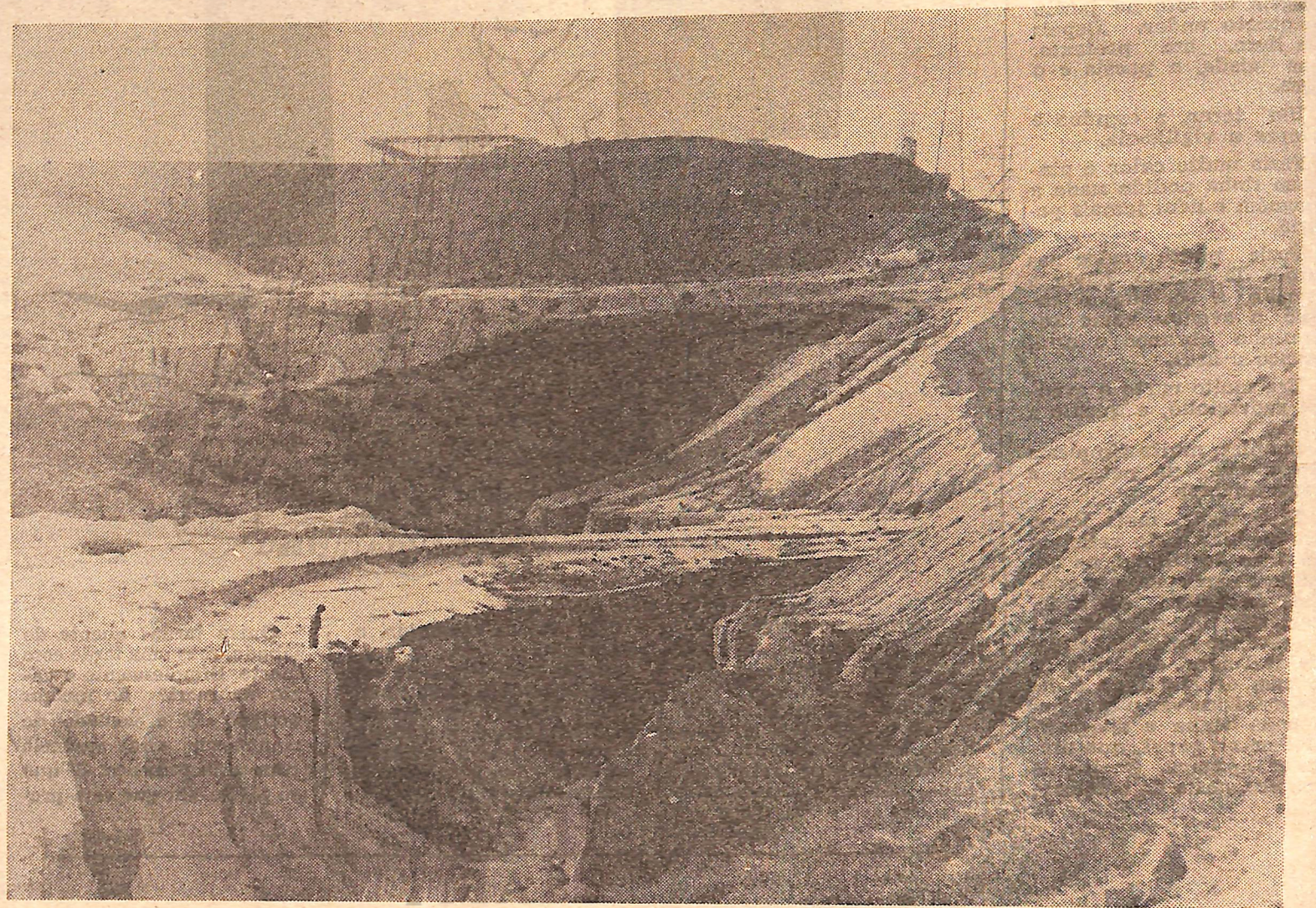
A situação atual do Distrito Industrial de Jundiá está de tal modo assustadora que dias atrás levou a uma reunião, na Kanebo, para discutirem o assunto, todos os comandantes das principais firmas que aderiram ao nosso Planidil. Nessa reunião, que se teme tenha sido a primeira de uma série, foi proposto um plano de ação com o objetivo de provocar atitudes construtivas por parte da Prefeitura Municipal. Atitudes essas das quais dependerá, fundamentalmente, a continuidade da implantação de novas indústrias e a efetivação de novos investimentos por parte das já instaladas.

Já no início deste século comentava-se aqui e sabia-se lá fora que o crescimento de Jundiá, sob todos os pontos de vista e pelos mais diferentes fatores — a situação geográfica, especialmente — seria irremediável. Articulistas da época, em artigos publicados pela nossa imprensa, prediziam esse crescimento já baseado na tese do transbordamento industrial de S. Paulo.

Há pouco mais de dez anos foi que a certeza desse crescimento levou grupos esclarecidos da cidade a tentar, pelos meios técnicos, políticos e sociais que tinham à disposição, uma ordenação daquilo que já estávamos recebendo e do que viria, em maior volume, a partir de então. A proposição era também no sentido de se disciplinar os efeitos e minimizar as inconveniências desse crescimento, a fim de que não fôssemos levados, num prazo não muito longo, a enfrentar os mesmos percalços da Capital.

A primeira consequência do trabalho desenvolvido pelos nossos técnicos foi a promulgação da lei n.º 1.576, de 31 de janeiro de 1969, ainda na gestão do prefeito Pedro Fávoro. Esse diploma instituiu o Plano Diretor Físico-Territorial de Jundiá e tinha a expressa intenção de "ordenar e disciplinar o desenvolvimento de forma harmônica e integrada". Em maiores detalhes, o P.D. definia o sistema viário municipal, o zoneamento municipal, o sistema viário urbano, a setorização urbana e a setorização rural.

Contida na setorização estavam já especificadas no P.D. as áreas onde seria permitida a instalação de indústrias. Essa escolha de áreas, é claro, não foi feita ao acaso: decorreu de estudos feitos pelo pessoal técnico da própria Prefeitura Municipal (ainda não existiam as Secretarias, mas já se fazia o Plano Diretor, aliás vigen-



AVENIDA INTERNA DO PLANIDIL (SITUAÇÃO ATUAL) — A erosão, formando um verdadeiro Canyon, comprova o estado de abandono. Não só o prejuízo é grande, como também parte do Distrito está sem acesso e impedido de receber construções.

te — graças a Deus! — até hoje).

A localização industrial se somou, no início do governo de Walmor Barbosa Martins, a intenção de atrair indústrias para Jundiá. Essa preocupação se justificava, na época, pela idéia de que indústria significa desenvolvimento e que esse desenvolvimento — porque cria mais oportunidades de emprego e traz mais divisas para o município — uma posição, hoje, bastante discutível.

Em função desse interesse numa maior industrialização do município foi que se criou o Plano de Incentivo ao Desenvolvimento Industrial (Planidil). Nesse Plano, tecnicamente baseado num trabalho de nível internacional, feito no Bouwcentrum, de Roterdã, Holanda, as áreas reservadas à implantação de indústrias eram: local A — margem direita do rio Jundiá, entre a Via Anhanguera e a projetada Via Norte; local B — entre o ramal ituano da Estrada de Ferro Sorocabana e a estrada de Itupeva, ao longo e a oeste do ramal ferroviário da fábrica de papel da Ermida (conforme mapa 1).

Com o início real do incentivo à industrialização, várias firmas fizeram a escolha de suas áreas ao lado

da marginal direita da Anhanguera, sentido São Paulo-Campinas, recebendo as terras em doação.

O exemplo frutificou. Começou a ficar claro que a expansão industrial feita em locais adequados trazia enormes vantagens, às vezes até difíceis de contabilizar.

O processo, entretanto, não se realimentava. A desapropriação e posterior doação de áreas à indústria acabava, de cada vez, com a verba anual reservada àquele fim. A melhor solução, percebeu-se então, seria a venda, pela Prefeitura, dos terrenos que iam sendo desapropriados, de modo que o dinheiro arrecadado nessas transações permitisse a instalação da infraestrutura exigida, ao custo final dessa provisão.

O Distrito Industrial, então, começou a tomar forma. Da marginal da Anhanguera se passou aos locais A e B citados anteriormente. A Petri ali se instalou, indo para lá também a Kanebo, a Tusa se expandiu e tantas outras empresas, animadas pela lógica da proposta municipal, resolveram também se instalar ou se mudar para aquele local.

Em novembro de 1972, fins do governo Walmor, a Câmara Municipal aprovou e o prefeito promulgou a lei 1945/72, pela qual fi-

cou criado, oficialmente, o Distrito Industrial, cuja especial intenção era a de incentivar a localização de indústrias em áreas adequadas.

Basicamente, o incentivo se continha em oferecer áreas com infraestrutura preparada pela Prefeitura Municipal a custos independentes da especulação imobiliária e em locais viáveis às indústrias. A vantagem que a cidade auferiria, além do seu desenvolvimento industrial com os efeitos que ele traz, seria "disciplinar o crescimento industrial do município" — frase modesta se pensarmos nas reais vantagens de um controle desse tipo.

E chegamos aos dias de hoje! O Distrito Industrial, criado há quase três anos, recebeu adesões de empresas em quantidade que excedeu a todas as expectativas. Entretanto, em termos de facilidades, garantidas pela lei que o criou, ele está como estava — ou pior, em alguns locais e detalhes — na época da sua criação.

Para a implantação das obras necessárias, neste ano, a Prefeitura Municipal designou uma verba de apenas Cr\$ 10.000,00, sem nenhum erro de vírgula! Aos preços vigentes, esta verba é suficiente, no máximo, para se fazer o asfaltamento de 100 m2 de

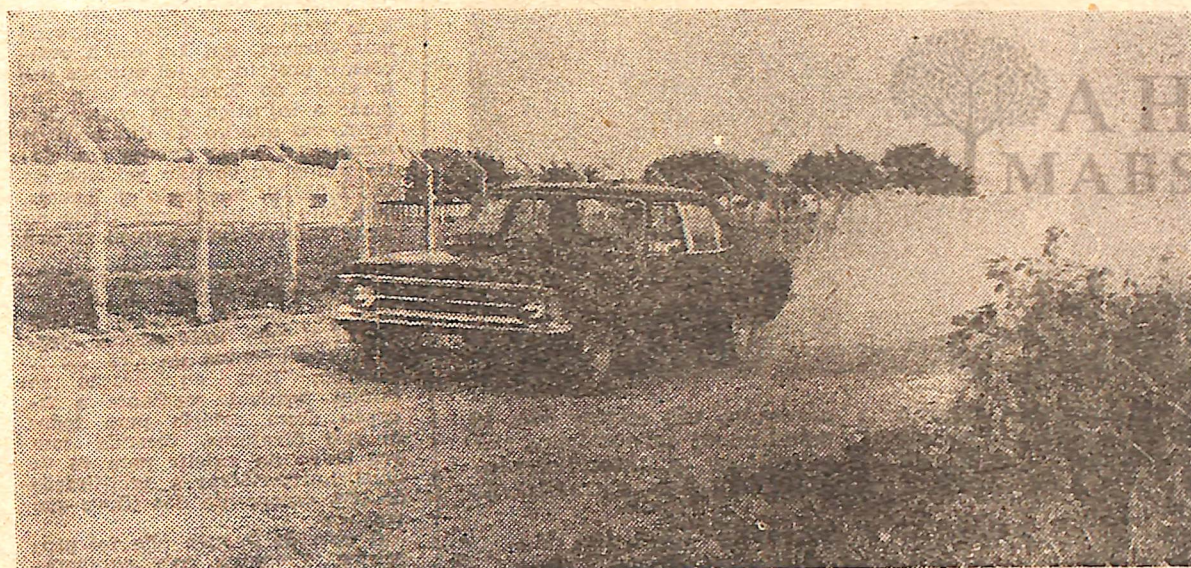
ruas ou 5 metros lineares de uma avenida que tenha 20 metros de largura. Isso, aliás, contraria a própria lei criadora do Planidil, que exige, em seu artigo 14, dotações anuais nunca inferiores a 3% da cota anual do ICM para a implantação da infraestrutura naquela área.

O que as indústrias querem — e, esclareça-se que não pedem nenhum favor — é que se cumpra a lei. Pois a lei que criou o Distrito Industrial exige que ele se instale.

Mas, a lei? Ora, a lei! No fundo, o que está acontecendo no Distrito Industrial não é nada mais que o panorama de toda a cidade: um total desrespeito às prioridades, um estilo auto-suficiente de tomada de decisão, uma marginalização dos interesses municipais. Como resultado, sofrerá toda a cidade, pois continuará sendo poluída por indústrias mal localizadas, continuará perdendo indústrias de nome (veja-se que a Vulcabrás agora está se expandindo em Franca), enfim, acabará tendo de suportar a inevitável ocupação de suas áreas por indústrias "excedentes" de São Paulo sem a necessária disciplina, por não criar a própria Prefeitura condição para exercer ato disciplinador. O panorama, de novo, é desolador!



UM ACESSO MARGINALIZADO — Até mesmo a via marginal da Anhanguera, acesso à diversas indústrias prontas e em construção, já apresenta erosões de grandes proporções. Enquanto este problema aflige estas indústrias, o aumento do custo da água deve estar afligindo todas as que se situam na cidade, principalmente, aquelas que fazem produtos alimentícios (maior consumo), como a CICA, a Royal etc.



Vista parcial do Distrito Industrial, com algumas indústrias já instaladas. Partial view of the Industrial District with some of the plants already built.

million cruzeiros in 1974 and to 100 million in 1975.

THE BASIC HIGHWAY PLAN

A basic highway system is being outlined and built to prepare the urban structure for the impact of development as planned not only by the Municipal Government but by the State and Federal Governments as well.

The city itself is located in a hilly area lined by deep valleys that urban expansion has not completely utilized. The Jundiá River flows down one such valley, the region's main Vale in which the city was founded and developed. Along it run the tracks of the Santos-Jundiá railroad, while two small rivulets converge there — the Corrego do Guapeva and Corrego do Mato.

Relieving Downtown Traffic

These three valleys meet at the point where the city experiences its heaviest traffic flow. Expressways or semi-expressways laid out along these natural cuts would help to disperse the local traffic and, by forming a center city by-pass or loop system, make the existing checker-board of roads and avenues more usable and efficient.

These three roadways laid out in the bottom of the valleys, plus another main one entering from the east (Radial Leste), make up the system of "structural roadways" that could absorb the heavy flow of both today's and tomorrow's traffic. Thus the center or heart of the city would be relieved of its intense traffic, while the less-developed areas would also be better served.

This new thruway system outlined for the entire Jundiá Valley will accent the city's linear structure while preparing it to receive a mass movement rail system within the next 15 to 30 years. This mass transit system will probably be a subway-type network, as successful experiments recently made in European cities seem to indicate. The former roadbed of the Sorocabana Railway is currently under consideration for eventual use in this regard.

INDUSTRIAL RATIONALIZATION CREATES A DISTRICT

The Jundiá Industrial District presently covers 450 hectares on which forty factories and plants are being or have already been built. Additional space for expansion is readily available to accommodate the important

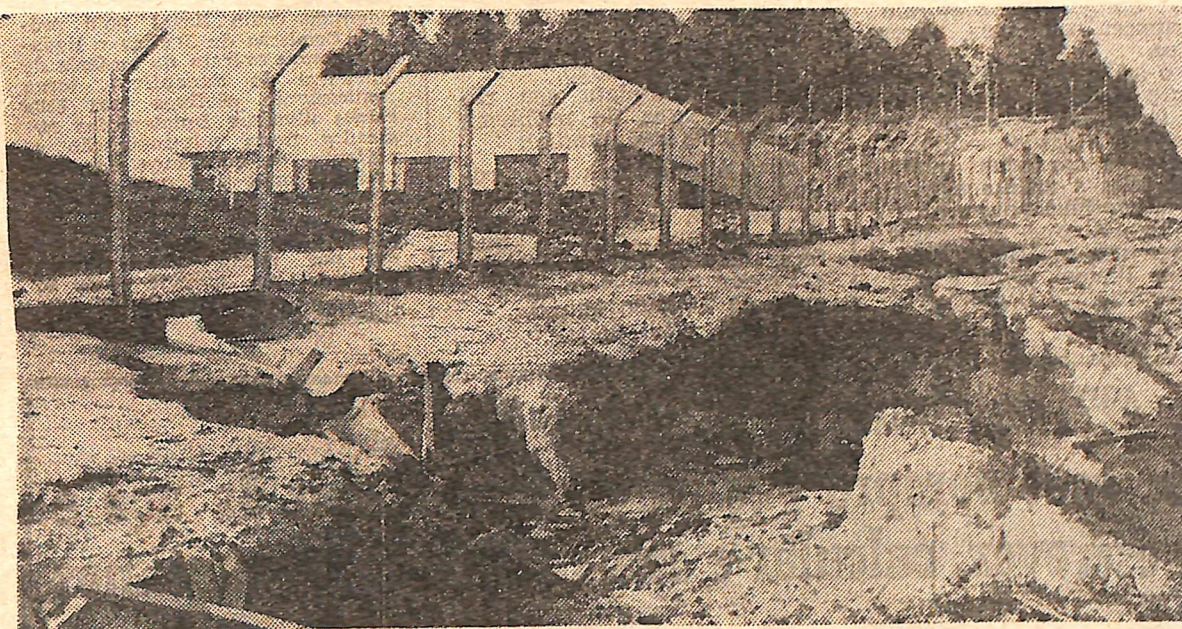
RACIONALIZAÇÃO CRIA UM DISTRITO

O Distrito Industrial de Jundiá tem área inicial de 450 ha, com possibilidades de expansão. Ali estão sendo instaladas 40 indústrias, algumas já construídas e outras em fase de construção. Esse afluxo de importantes empresas para o Município deve-se à infra-estrutura implantada e em implantação pela Prefeitura.

Zonamento, setorização e ocupação do solo são delimitados pelo Plano Diretor Físico e Territorial (criado em 1965). Por essa razão, todas as empresas que se instalam em Jundiá estão restritas ao Distrito Industrial. A Prefeitura fornece aos empresários interessados as informações necessárias à instalação de cada novo empreendimento.

Fazem parte ainda da implantação definitiva do Distrito Industrial:

- 1 — Duplicação da Via Estadual asfaltada, ramal de Itu, do km 61 ao 73 — divisa do Município de Jundiá.
- 2 — Construção, através da CECAP, de um Núcleo Habitacional. Este projeto inclui escolas, hospitais, recreação, abastecimento etc.
- 3 — Construção de um viaduto no km 64,5 da Via Anhanguera, no bairro de Santo Antônio, para facilitar o contorno que atualmente está sendo feito 10 km adiante, no trevo de Louveira.
- 4 — Avenidas marginais ao longo das vias estaduais mais importantes. Para evitar congestionamento nas vias municipais.
- 5 — Reservatório no Distrito e de uma adutora de 16", desde a captação do Rio Jundiá-Mirim (obras em fase final).
- 6 — Estação de Tratamento de Esgoto e do Interceptor, em local que possa atender as necessidades de todo o Setor Industrial.
- 7 — Rede de distribuição de água nas vias públicas do Distrito.
- 8 — Cabo telefônico de 200 linhas, dividido em duas seções, com possibilidade para 100 aparelhos cada. Uma seção servindo a via Ramal de Itu e a outra atendendo o Distrito Industrial, até o km 64 da Via Anhanguera.
- 9 — Redes de alta tensão por todo o Setor e Distrito Industrial.
- 10 — Área para a concessão de eletricidade construída uma subestação rebanadora de energia. Em toda a extensão da via Ramal de Itu e Via Anhanguera, até o km 64, já existe rede de energia de 13,2 kv.
- 11 — Ponte sobre o rio Jundiá, em ponto novo via de acesso através do trevo de Itu e avenidas marginais à Via Anhanguera.



A ÁGUA ACHA SEU CAMINHO — Atrás da Kanebo, na foto abaixo, os danos atestam o abandono do Planidil e a falta de acesso comprova a impotência política do Governo local. Sabe-se que o DER já tem tudo pronto (projeto, sondagens etc.), para a construção do viaduto no bairro de Santo Antônio. Entretanto, nada foi feito até agora.

UMA PUBLICIDADE DUVIDOSA — No início do corrente ano, a Prefeitura editou uma revista em papel de ótima qualidade, com dezenas de fotos coloridas de Jundiá, da qual é mostrada acima a página 17. Nada menos que 11 itens estão sendo mencionados como fazendo parte da implantação do Distrito Industrial. O artigo menciona que lá "estão sendo instaladas 40 indústrias, algumas já construídas e outras em fase de construção". Esta talvez seja a única verdade incontestável. De fato, a iniciativa privada, representada pelas indústrias, está investindo bastante no Distrito. Quanto à Prefeitura, as fotos confirmam o estado de abandono, que, de certa forma, já foi trazido a público através de notícia a respeito da recente reunião dos industriais que comandam as firmas que lá estão se implantando.

O asfalto continua provocando discussões na Câmara Municipal

Acha-se em processo de retirada, na Câmara Municipal de Jundiá, o projeto de lei apresentado pelo vereador Henrique Victório Franco, em outubro de 1974, com o intuito de sanar uma das múltiplas falhas encontradas no texto da lei que instituiu as condições para execução do plano de asfaltamento do município.

Nesses quase 11 meses de tramitação pelo órgão legislativo, o referido projeto passou pelo crivo da Assessoria Jurídica e das várias comissões técnicas a que teve que ser submetido, recebendo de todas elas parecer favorável. Nesse tempo, chegou também a ser colocado em discussão

plenária, para exame dos aspectos de legalidade e constitucionalidade, recebendo plena aprovação. Finalmente, passou a figurar na ordem do dia para ser examinado quanto ao mérito, não o sendo, porém, em nenhuma das últimas sessões ordinárias devido a requerimentos apresentados pelo seu autor para que se adiasse tal discussão. Um destes requerimentos estava sobre a mesa do presidente, na sessão passada, quando Henrique Franco decidiu substituí-lo por outro que pedia sua retirada definitiva.

Para o autor do projeto, segundo sua justificativa datada de 14 de outubro de 1974, a redação dada ao artigo 5.º

da lei n.º 2.037 enseja ao Executivo Municipal a possibilidade de cometer um equívoco fazendo recair sobre os proprietários discordantes do plano de pavimentação uma dupla cobrança do mesmo melhoramento. Segundo ele mesmo, agora justificando o pedido de retirada do projeto, o mesmo se tornou redundante com a aprovação daquele que foi aprovado na semana anterior, de autoria do Executivo, ampliando para 30 meses (como já estava definido no C.T.M.) o parcelamento do preço cobrado aos proprietários referidos.

A justificativa de Henrique Franco parece ter convencido apenas os atuais defensores

dos projetos do prefeito, já que os vereadores Abdoral Lins de Alencar, Romeu Zanini, Joaquim Ferreira e José Rivelli mantiveram-se intransigentes, até o término da sessão passada, na defesa da tese de que o projeto merecia ser votado pelo plenário. Alencar, embora líder da bancada oposicionista, chegou mesmo a fazer rasgados elogios ao projeto do autor arenista, dizendo que o mesmo era "muito melhor do que aquele do prefeito". Joaquim Ferreira criticou a incoerência de Franco ao solicitar a retirada da matéria. Rivelli, percebendo que o requerimento seria fatalmente aprovado, preferiu discuti-lo na tribuna até que se esgotasse o tempo

regimental — ocasião em que fez repetidos apelos a Franco para torná-lo sem efeito —, de modo que a sessão se encerrasse sem um veredito.

Uma estranha argumentação do líder da oposição, de que o projeto de Franco propiciava a realização de concorrência pública específica, com a presença de várias firmas, para a execução do plano de asfaltamento, ensejou ao líder da situação, Elío Zillo, uma observação não menos estranha: "Se o sr. prefeito quiser, se julgar conveniente, ele pode fazer essa concorrência; a Câmara não tem competência alguma para abrir concorrências", disse ele.

O posto do INPS em novo endereço

Nesta semana estará se completando os primeiros 30 dias de funcionamento do posto médico do INPS no prédio do Centro Comercial Bandeirantes, para onde teve que se mudar a fim de deixar desocupado o terreno da rua Barão de Jundiá, onde a autarquia estará iniciando, no próximo mês, a construção de um conjunto arquitetônico de 10 mil metros quadrados para sediar sua agência e demais dependências suas em Jundiá.

Antes mesmo de se processar a mudança, o agente da autarquia, sr. Orides Bonganha, já previa que nem tudo seria fácil no início, sendo mesmo necessários de 30 a 40 dias para uma quase perfeita adaptação do pessoal e segurados à nova situação. Assim, nesse primeiro período, observou-se uma normal redução na demanda de segurados para obtenção de consultas, atestados e guias de internação, como também algumas dificuldades no atendimento, apesar da boa vontade da maioria dos funcionários.



De conformidade com esclarecimento prestado na Câmara pelo vereador Elío Zillo, que trabalha na autarquia,

nestes próximos dias estarão se instalando mais três unidades móveis nos fundos do mercado e, a partir disso, os

segurados vão contar com 10 ou 12 novos consultórios, acelerando-se o atendimento. Então, tudo se normalizará.

Os mercadores avisam que continuam lá

Embora a afluência de pessoas ao mercado seja, hoje, pelo menos cem vezes maior que a verificada anteriormente (nos primeiros dois anos e meio de funcionamento o mercado ficou praticamente às moscas), os comerciantes instalados no pavimento térreo, com frente para a rua Bandeirantes, não estão ainda satisfeitos com o movimento de suas vendas. Desde janeiro deste ano eles aguardavam a ida do posto médico para lá, confiando em que isso iria favorecê-los de modo a até configurar uma recompensa pelo sacrifício ante-

rior. Contudo, ao que afirmam, a afluência maior de pessoas que procuram o posto tem ocorrido pela rua França (fundos do mercado) e, além disso, nem todas estão informadas de que os boxes para venda de frutas, verduras, legumes e carnes permanecem em funcionamento.

"Está dando uma melhorzinha, com as frutas tendendo a vender um pouco mais." Essa observação é de dona Ursolina Bochino, que manteve banca no mercado da rua Barão durante mais de

vinte anos e se mostra mais animada com a ida do posto médico para o Centro Comercial, onde, além dela, apenas outros cinco mercadores antigos conseguiram permanecer com seus boxes abertos.

Já o sr. Júlio Schiavi, que durante quarenta anos (desde a inauguração) teve sua banca no mercado velho e resolveu se aposentar quando foi feita a mudança para o novo, continua no seu ponto de vista de que "tinha que se fazer uma espécie de Ceasa para Jundiá, como existe em São Paulo e Campinas".

Dando uma ajuda ao seu amigo Yoshi Bahe, que vende frutas e legumes no box mais próximo do acesso ao posto do INPS, o velho mercador tira a seguinte frase:

"Estava na água e agora me puseram no fogo."

Depois, completa seu raciocínio acerca do problema de mercado em Jundiá:

"Isto é uma terra que produz de tudo — uva, morango, pêssego, figo — e precisamos de um mercado que faça compras dos produtores e vendas no atacado, isso é que está faltando aqui."

Cargos: uma alteração necessária, outra não

Com um único voto contrário — o do vereador Henrique Victório Franco —, ficou aprovado pela Câmara, em 1.ª e 2.ª votações, o projeto de lei enviado pelo chefe do Executivo para reparar a injustiça que estava havendo no quadro de diretores de secretarias, onde apenas um deles vinha recebendo salários de Cr\$ 3.066,00, enquanto os demais, pelo fato de possuírem título de grau universitário, percebem Cr\$ 4.292,00.

A solução proposta pelo prefeito e aceita pela Câmara é no sentido de que também o diretor de nível não universitário perceba vencimentos de Cr\$ 4.292,00. Esta equiparação se tornou possível mediante a fixação dessa salário para todos os seis diretores, fazendo com que deixe de existir para os de nível universitário a gratificação de 40% decorrente dos títulos que possuem.

O voto de Franco não foi propriamente contra essa equiparação, mas, sim, contra a inclusão de uma emenda (também aprovada) apresentada pelo vereador José Silvio Bonassi, pela qual, mediante acréscimo de mais um artigo ao projeto, promove a transformação de diversos cargos, atualmente de provimento em comissão, em cargos de provimento isolado, preenchidos por concurso público. Esta emenda, admitida como ilegal pela própria Comissão de Justiça e Redação (porque se trata de matéria de iniciativa do Executivo), torna praticamente efetivos nos seus cargos diversos funcionários nomeados nesta administração e, portanto, de confiança do atual prefeito, uma vez que os mesmos passam a ter o chamado "direito adquirido" e só poderão ser substituídos em caso de vacância por morte, aposentadoria, promoção etc., quando então se justificará a abertura de um concurso público.

Rua Barão de Jundiá, 427, telefones: 6-6413 e 6-8231
Neste endereço, ou por estes telefones, você compra equipamentos, móveis de aço e madeira para escritório, máquinas de escrever, calcular e somar Olivetti, garantimos por este nome:

COMERCIAL PANIZZA LTDA.

Poder Nuclear

Tem sido extensamente explorado em todos os setores da imprensa o acordo que traz ao Brasil a tecnologia e o acesso ao uso da energia nuclear.

O uso da energia nuclear não implica em absoluto em "Poder Nuclear" ou "Poder Atômico". Funcionam em número superior a 500, distribuídos em quase vinte nações, reatores nucleares gerando energia, em substituição a outras fontes que começam a se tornar deficitárias.

O aumento de demanda de energia elétrica, numa ordem de cerca de 8% ao ano em termos mundiais, exige rápidos esquemas de substituição da energia hidroelétrica, da qual a maioria das nações são carentes, bem como a de combustíveis fósseis, cujo consumo vem ultrapassando rapidamente a reposição pela descoberta de novas reservas.

Não poderia o Brasil alhear-se ao conhecimento de uma tecnologia e ao uso de fontes de energia que po-

deriam, num futuro próximo, aumentar a diferença entre nós e os mais desenvolvidos, que desejamos acompanhar, se não, alcançar.

Nossas reservas de petróleo, são até agora apenas promissoras, e de má qualidade nosso carvão.

O uso da energia atômica pode, sem dúvida, no momento trazer sérias preocupações ambientais, porém já existe e progride rapidamente toda uma sistemática de controle de radiação e de segurança dos reatores, que deverá desenvolver-se muito em nosso período de instalação e até o uso industrial dessa forma de energia.

O que não seria possível é, por possíveis riscos, ficarmos totalmente alheios a uma nova forma de energia e de tecnologia, cuja ausência poderia trazer-nos a perda de todo o esforço nos últimos anos dedicado à quebra das barreiras do subdesenvolvimento.

ALBERTO TRALDI

Fora do Semancol não há salvação

O que se pratica em matéria de crueldade contra animais nesta cidade já deu pra fundir a minha cuca. Por exemplo: cada vez que sou obrigada a ver nas ruas um cavalo puxando carroça excessivamente carregada, já exausto, de língua de fora, quase morto de sede e fome, sendo espancado bárbara e covardemente pelo dono da carroça, a minha revolta é tanta que fico em dúvida sobre qual dos dois é o animal. Pela forma que um indivíduo trata um cavalo acho que dá muito bem para aferir seu ní-

vel cultural, intelectual, ético, moral, político, humanístico, enfim, tudo o que dele queiramos saber. Da mesma forma como se pode apurar a medida exata dos homens que, podendo, não tomam "as devidas providências" (mais conhecidas, ultimamente, como "Semancol") contra estas coisas. Do que se conclui que a Câmara não se mancou ainda, ou seja, não se levantou da sua tribuna, até agora, nenhum protesto, nenhuma defesa do cavalo, quando este já nem está podendo mais se levantar. (Célia de Freitas)

Eu também sou candidata

Amigo leitor e eleitor, vou te provar, em apenas solutamente indiscutível, inquestionável, sem te deixar a menor dúvida (até discordar de mim), o porquê de você ter, mais que um simples dever, a obrigação moral, cívica, política, ética, filosófica, religiosa etc., de votar em mim.

Se você for do tipo xereta, que não deixa a gente nem terminar de escrever o que vai escrever, e, de cara, quiser saber se eu tenho alguma plataforma, por exemplo, saiba que tenho várias: as duas da Estação Ferroviária, as três ou quatro da Estação Rodoviária (ainda que provisoriamente permanente), improvisadas e apesar da e... fim de papo!!!

Sou brasileira, maior de idade (que pena, né?), gozo de perfeita saúde (mesmo que os intrigantes da oposição digam que sou pirada como eles).

Se cursei alguma escola? Pombas!!! Venha falar comigo em minha casa (porque eu é que não irei à sua) e vou te provar que o número que tenho de diplomas de escolas de samba do Rio não me deixam mentir.

Você, seu abelhudo, está querendo saber se tenho uma bandeira? Caramba!!! O que dá de bandeiras do Palmeiras, do Fluminense,

de Jundiaí, do Brasil, de todos Estados e Territórios, brasileiros, não está em nenhuma biblioteca da tua imaginação.

Se tenho algum título? Não, só o de eleitora, como possuo ainda título de nobreza, pois, descendo, em linha reta, do "Pequeno Príncipe" de Antoine de Saint-Exupéry (saí do mesmo planeta d'Ele e, como Ele, aqui cheguei "emigrada por algum vento...")

Portanto, vai prestando atenção.

Se você prometer votar em mim, não será nenhuma vantagem para mim comparando com o que tenho para te prometer. Vai sacando: vou tirar você da fossa; mandar pro inferno a tua dor-de-cotovelo; te apresentar à Cláudia Cardinale, Gina Lollobrigida, Rachel Welch, Brigitte Bardot e, caso nenhuma das que mencionei, a título de pequena dica do que posso fazer por você nesse sentido, diga "calé" seu tipo e bota fé que eu juro que te apresento, se você quiser, até com uma carta de recomendação escrita em papel com timbre oficial.

Vá lá que, no fundo, no fundo mesmo, você não se casou até agora porque só se casaria mesmo é com a Marilyn Monroe, falecida desde 1963. Se tua felicidade de-

pender disso, passo te garantir que, votando em mim, eu ressuscito ela pra você, tá?

Já botou fé, acreditou, sacou uma "casquinha" do que eu, se você "me honrar com o teu voto" (as aspas são porque a honra de votar em mim vai ser sua, meu bilu tetéial, esta cidade vai ser um Céu para os católicos, um Paraíso bíblico para os adeptos do judaísmo, um "Nirvana" para os budistas, aquele "estado de graça" para os praticantes da meditação transcendental etc, etc, etc.?

Devido aos meus altos conhecimentos de alquimia, descobri a tão ambicionada "pedra filosofal", em vão procurada pelos alquimistas da Idade Média, com a finalidade de criar uma "panacéia" que curasse todos os males físicos e morais da Humanidade. Podes crer que, se eles não a descobriam, eu descobri. Portanto, você já viu que, em cometendo a loucura de votar em outro candidato, eu não poderei, talvez pela falta de um único voto, no caso o seu, salvar esta cidade, este Estado, o Brasil, os países amigos, inimigos, neutros etc.

Como entendo paça de ciências ocultas, teologia, filosofia, metafísica, demoniologia, etc., posso, através do exorcismo (tão em moda ultima-

mente), retirar algum diabinho que, porventura, esteja dentro de você "tentando" você a não votar em mim.

Sabe aquele aumento de salário que você vem tentando convencer o patrão a te dar porque o que ele já dá já não está dando? Se você me eleger pode ter certeza de que ele vai acabar dando.

Eu já saquei, também, que você gostaria que eu lhe promettesse uma cidade mais bonita, mais arborizada, menos poluída, com lugares mais agradáveis para você levar sua namorada nos fins de semana. Pois saiba que, se você me der seu voto, não vai dar noutra: o que eu conheço em matéria de Ecologia, Botânica, Urbanismo, Jardinagem e coisas puxadas pro verde é para Burle Marx nenhum botar banca. Em gratidão ao seu voto, em nome do meu amor à Natureza, eu não me limitarei a somente preservar as áreas verdes já existentes, como irei criar mais e mais. Vou transformar todas as ruas, avenidas, vielas e até os becos sem saída em alamedas arborizadas. Irei, até mesmo, a pé, de enxada no ombro, picareta na mão, plantar uma árvore na frente da sua casa.

Enfim, fim, pois já lhe disse que, vindo à minha casa, você sairá convencido de que eu,

Recebemos de um amigo uma carta vinda de Luanda, África, a qual retrata a situação daquele país nos dias atuais, descrevendo fatos estarrecedores e que, portanto, julgamos necessário levar ao conhecimento dos leitores para que tirem suas conclusões.

Assim se expressa esse amigo na sua carta:

"Aqui no Ladgo do Palácio do Governo e do Ministério (Conselho Presidencial), no coração, portanto, de Luanda e de Angola, como testemunha de uma população traumatizada e em pânico, vítima de três movimentos armados de libertação, que cometem arbitrariedades e a cuja sombra se produzem atrocidades, pilhagem, saques, brutalidades (...). Por aqui falta tudo (pão, gasolina, remédios etc.) menos armas, que chegam pelo mar, da Rússia, ou pelo ar, do Zaire. Mas até meninos de 12 anos estão armados, com armas rudimentares, que aprenderam a fazer, que são mortais. Em qualquer lugar pode-se ser controlado (uma autoridade eclesiástica, em 400 km, até Luanda, passou por 30 controles: o professor Santini, gaúcho, num

desses controles (da boca), lhe queriam arrebatam um dente de ouro).

"Não terminaria de descrever o que é isto aqui. Só se vêem "filas" (para pão, alimentos, certificados, até cemitério) e caixotes dos que partem (600.000 pessoas inscritas, brancos que deixam tudo para começar vida nova... e negros que não suportam mais o ambiente de ódio criado pelos Movimentos de Libertação, num país onde é delicioso viver...)

"A cidade está morta (ninguém quase na rua, ao anoitecer, e não se diga de aventurar-se por estradas de bairros), contemplando dados, a inação do negro, que vive com a pilhagem, e o abandono dos brancos, que são os técnicos, e dos quadros da organização da cidade, o avançar rápido da fome, miséria, caos, violência e anarquia.

"O povo estava encantado com a "libertação" e a "descolonização", mas profundamente decepcionado com os métodos da libertação, pois o M L P A, fortalecido e amparado, por Portugal, reconhece a libertação mar-

xista, semeia ódio e a destruição dos contrários. Toda a indústria está parada. Toda a gente apavorada, inclusive os pobres religiosos, que assistiram a cenas dantescas que jamais poderão esquecer e que amargam toda uma vida".

O delato do missivista chegou num momento bem oportuno, quando se termina de comemorar a Semana da Pátria em nosso País. Todos os brasileiros, sem distinção de credo, cor, posição social, devem cultivar ininterruptamente a Pátria, país onde reina tranquilidade, harmonia, segurança e desenvolvimento.

Sentimos a Pátria como um todo. Há, evidentemente, empecilhos regionais nas formas de conduzir a sociedade. No conjunto, porém, vislumbramos um futuro promissor neste oásis de paz, num conturbado mundo, e como espelho, direto, Angola.

Reverenciamos todo dia, em cada ato, o nosso torrão natal.

A PÁTRIA É A UNIAO DE TODOS.

O PENSADOR

e somente eu, tenho a "chave" da "coisa" para consertar não somente o planeta Terra como todos os outros existentes pelas galáxias do Universo.

Votando em mim, eu conserto até problemas da Lua (se você, por exemplo, é do tipo que acha que a Lua tem problemas), podendo, ainda, "de passagem" pelos nossos estúdios", caso você queira, mudar a posição do "Sol e das demais estrelas", como no poema de Dante Alighieri. Medite em tudo isso que estou lhe prometendo através do que você está lendo. Há tempo bastante para essa meditação. Basta atentar para o fato de que até 15 de novembro de 1976...

Sacou? Isto dito, trocado em miúdos, tirada a prova dos nove, é o seguinte: até para pensar que eu lhe dou um emprego no meu governo. Caso você tenha alguma dúvida, alguma pergunta ou coisa parecida, no sentido de alguma coisa mais que eu possa fazer por você, também estou às suas ordens (em minha casa, pois a sua eu não vou) até o dia 15/11/76.

Enfim, negó segui: até o dia da eleição você pode contar comigo para tudo. Depois disso, não conte comigo para mais nada. Sacou?

CÉLIA DE FREITAS

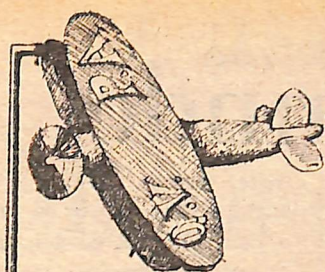


CONSTRUTORA JUNDIAÍ LTDA.

CONSTRUÇÕES INDUSTRIAIS, COMERCIAIS, RESIDENCIAIS, ESPECIAIS

Rua Siqueira de Moraes, 578 — 8.º andar — Conjunto 801-C.

Telefones: 6-2056 e 4-1575 (CREA 13.997)



O QUE VAI PELOS ARES

A volta de Kid Moça

O velho Kid Moça acabava de escrever sua última matéria no *Jornal da Tarde*. Carregado em triunfo, fez um oferecimento:

— Dedico estas modestas linhas às criancinhas de todo o Brasil. As criancinhas, pensem nas criancinhas, gente...

— Boa, Kid. É isso aí — gritava a redação.

Que ele gostava do jornal, não havia qualquer dúvida, mas acontece que a proposta recebida do Cos... perdão, *Jornal do Brasil*, era bem melhor. E, além disso, torcedor fanático do Fluminense, lá no Rio estaria bem mais perto de seu clube. Então, resolveu mudar de cidade, não sem antes dar um jantar de despedida aos amigos.

A relação dos convidados era digna de figurar em qualquer coluna social — até

a do jornalista Bocco Sergino, do *Correio de la "Serra"*; o homem de luzes Mário Alberto; o enxadrista soviético Yussef Borgonovi; o famoso cestobolista alemão Ary Schneider; o chefe da torcida do Grêmio em São Paulo, Maya Fruet; o chefe da torcida do Botafogo, frade José Márcio Mendonça; o ás do volante Dupont Sauthier; o colunista Wladimir Soares (Telmo Martino estava de férias); o goleiro da seleção do Zaire, Zuba; o cantor romântico Bob Avallone, que homenageou seu colega interpretando "Conceição"; o diplomata chinês Celso Ming; o produtor de modas Ubaldino F. Filho; o locutor da Rádio Clube de Campos, Gilbert Vieira Peixoto (chegou a ser confundido com o jornalista Luis Carlos Secco); o poeta, sociólogo, ensaísta e membro da Academia Mineira de Letras, Kleber de Almeida; o cantor mexicano Jaime Matosas e o venezuelano Emilio Gomez Hernandez Muricy Braga e sua harpa paraguaia.

Eu disse jantar? Não, Moça preferiu dar uma "conhaçada" aos amigos. Afinal, ele, que morou seis meses incógnito em São Paulo (incógnito inclusive de si mesmo), não sabia ir para casa a não ser depois de pelo menos uma dúzia de conhaques — e dos estrangeiros, Macieira, essas coisas, o que dava um bom lucro ao dono da Cantina Montecchiario. Bom, então, chegou a hora dos discursos. Gilbert levantou-se, foi aplaudido ("Boa, Secco"), mas tratava-se de um mal-entendido: ia ao banheiro. Ai, o chefe do Conselho dos Anciões da ABI, Bill Duncan, resolveu ponderar em nome dos colegas:

— Tudo acabado entre nós, já não há mais nada... Tudo acabado entre nós, hoje de madrugada...

Aplausos. Discurso digno de uma despedida de boêmio. E foi a vez de Kid Moça agradecer as palavras de Bill Duncan e fazer as suas despedidas:

— Parto saudades levando, saudades deixando...

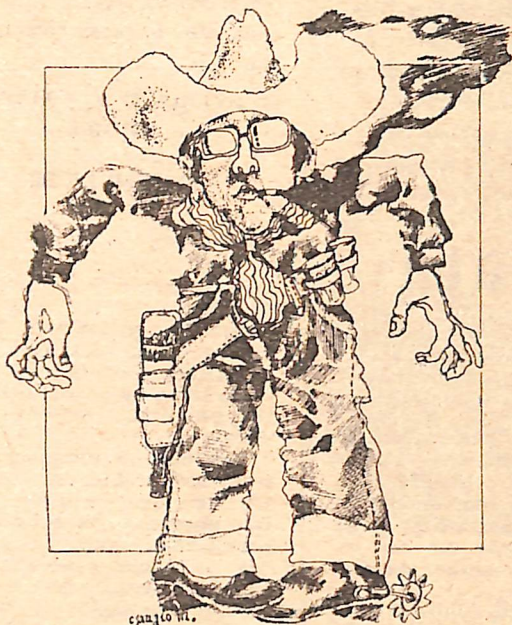
Mais aplausos, e Moça sorriu (a conta ainda não havia chegado).

Isso foi numa sexta-feira. No sábado, Moça viajou para o Rio, para começar a nova vida. No domingo, pouco antes de meia-noite, Mário Marinho atendeu o telefone, na redação do JT:

— Quem? O quê? É você, Moça? Aqui em São Paulo, está esperando a gente no bar? Mas você não viajou, ontem, para o Rio, não ia...

— Ia, mas acontece que o dono do Montecchiario disse que eu não podia fazer isso com ele, que o movimento da casa ia cair e... cobriu a oferta do *Jornal do Brasil*.

B. Fernandes



"Parece que foi ontem", disse o velho Kid Moça, ao iniciar seu discurso de despedida. Aquela altura, era "ontem" mesmo: ele estava no trigésimo-oitavo conhaque.

UM "COSMOS" BEM MELHOR

Milton Nascimento gravou um Lp nos Estados Unidos, "Native Dancer". Ele e mais três brasileiros (Airton Moreira, Robertinho, Wagner Tiso), ao lado de cinco norte-americanos.

Dizem que o album está tão bom que vale os Cr\$ 150,00 (gravação importada, sem muita chance de ser editado, por enquanto, no Brasil). E que o nosso Milton acaba com o baile, cantando, tocando violão, vocalizando sons. (E. M.)



A POLÔNIA INVADIDA

Enquanto Antonio Marcos dizia, na TV, que se sentia muito à vontade na parceria com Chopin (o garotão botou letra numa música do romântico polonês), a imagem que me vinha à lembrança era de

Cornel Wilde fazendo caretas pra morrer de tuberculose em "A Noite Sonhamos". Ele também devia estar à vontade quando representou o pianista-compositor, no cinema. (E. M.)

POEIRA DAS ESTRELAS

"Terremoto" anda sendo anunciado pela televisão. Está no Comodoro, em São Paulo. É "senssurrounding", o que significa que você pode estar no meio do negócio e sair ileso, ou seja, nem tinturaria eles prevêm, na saída do espetáculo. O pó é aquele mesmo que você leva e sai com ele, das obras todas, metrô, a impoluta poluição etc.. Uma enorme superprodução, com astros de bom brilho e uma grande estrela: Ava Gardner. Como todos sabem, ela esteve sempre presente em todas as catástrofes hollywoodianas. Quer dizer que esta também deve nos atingir em breve, no Marabá, Ipiranga, por aí. - Eduardo

RESTOS DE GEADA

Dia 2, o "Globo Repórter" mostrou dois grandes dramas causados pela geada, nos cafezais de São Paulo e Paraná. O drama dos cento e tanto cafeicultores que, apesar de não perderem a safra deste ano (Cr\$ 220,00 a saca), perderam as plantações, destruídas pelo gelo. O Governo, para ajudar nos prejuízos, prorrogou os prazos dos empréstimos oficiais concedidos a esses plantadores, e porá em ação um Plano Especial, no valor de 8 bilhões.

O segundo drama é o dos 900 mil trabalhadores (Cr\$ 6,00 por saca), dispensados das fazendas. Que Deus os ajude. (E. M.)

MEXENDO-SE

A família da Rede Globo está fazendo a maior força pra dar a você uma nova novela das oito.

A família do Plínio Marcos já desistiu. (E. M.)

O DONO DA VOZ

Quem também está na praça, de Lp novo, é o eterno Lúcio Alves, com sua voz de besouro barbarizando sambas canções e, pasmem, "Rosa", a do Pixinguinha. Quem não comprar vai ficar surdo antes do Natal. (E. M.)



HORÓSCOPO

Aries (21-3 a 20-4)

Veja, illustre carneiro, que belo tipo faceiro o senhor tem a seu lado. No entanto, acredite, quase morreu de bronquite. Salvou-o o Rhum Creosotado.

Touro (21-4 a 20-5)

Voa, minha linda borboleta. Voa, procurando a emoção. Voa, pois a vida é tão boa, quando se tem um amor no coração.

Gêmeos (21-5 a 20-6)

Duas gotas, dois minutos, dois olhos claros e brilhantes.

Câncer (21-6 a 21-7)

Tu passaste a vida a sorrir? Pisando corações? Indiferente a rir? Um dia voltarás. Então há de sofrer por tudo o que fizeste os outros padecer.

Leão (22-7 a 22-8)

Use, abuse, venha queimado. Mate!

Virgem (23-8 a 22-9)

Passa, passa Talco Ross. Quero ver passar. Passa, passa Talco Ross, para refrescar.

Balança (23-9 a 22-10)

Sois noivos? Quereis a felicidade? Comprai a vossas alianças nas Casas Maseti.

Escorpião (23-10 a 21-11)

O remorso talvez seja a causa do seu desespero. Você deve estar bem consciente do que praticou.

Sagitário (22-11 a 21-12)

Brilarem, apenas um pouquinho. Você irá gostar. Brilarem é o melhor caminho para mil pessoas conquistar.

Capricórnio (22-12 a 20-1)

Bicicleta motorizada, não precisa tirar carteira. Com um litro de gasolina você anda a vida inteira. É só sentar e deixar andar.

Aquário (21-1 a 19-2)

Que será da luz difusa

do abajur lilás, que nunca mais virá a iluminar outras noites iguais?

Peixes (20-2 a 19-3)

Repare bem que, toda vez que ela fala, ilumina mais a sala do que a luz do refletor. O cabaré se inflama quando ela dança e, com a mesma esperança, todos lhe põem o olhar.

Profa. Zuleika

AS BOAS BANCAS

Agora você já pode comprar "O Pasquim" e "Opinião" nas bancas da cidade.

Como se sabe, esses semanários deixaram de ser vendidos aqui devido a problemas entre bancas e distribuidoras.

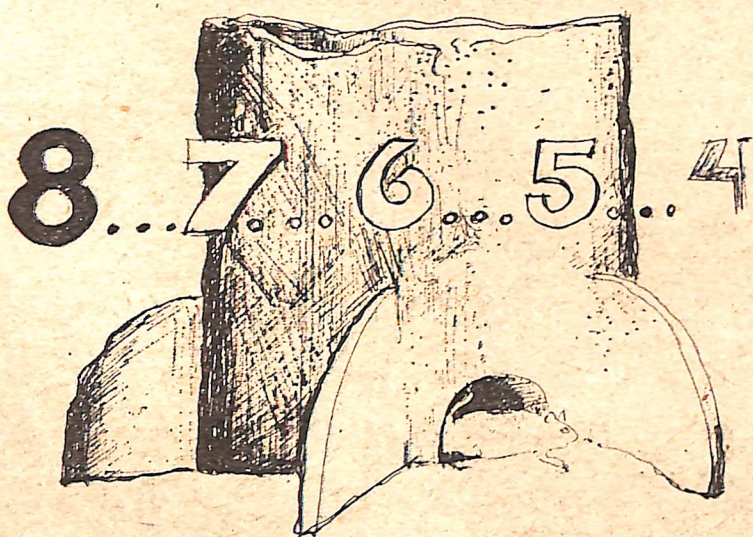
Felizmente, a coisa está resolvida, o que mostra o espírito bacana dos nossos vendedores de jornais, donos das bancas.

Agora, seus resmungões (e me incluo) o negócio é comprar os jornais e prestigiar o esforço dessa gente boa. (E. M.)

VIRGÍLIO, HOMERO, ENEIDA...

Pedimos a atenção dos senhores leitores para uma delicada explicação: os artigos assinados pelo nosso comentarista de Política, sr. Virgílio Torricelli, andam em linha com os seus pareceres didáticos na observação dos problemas edilícios e são em série, coisa que não conseguimos avisar durante as suas publicações anteriores. Consultado por um dos nossos repórteres, o sr. Virgílio afirmou: — "Estou tratando de elucidar as funções dos elementos ligados ao Legislativo e ao Executivo, principalmente na interrelação entre eles." Dora-vante passaremos a dividir seus artigos em séries, para maior esclarecimento dos mesmos. Perdão leitores. (EDUARDO)

TRÊS, DOIS, UM... PUM! ACABOU A SESSÃO



Quem chegou para assistir a sessão da Câmara pouco antes da meia-noite, teve a impressão de que era mais os preparativos de lançamento de algum foguete.

Todos olhando para um homem — o presidente Carlos Úngaro — que, interpelado por Abdoral, estava fazendo a contagem regressiva, tal qual um lançamento espacial. Pediu Abdoral que a sessão fosse suspensa, pois já se passavam 45 segundos da quinta-feira, ao que, furiosamente, replicou Cau: Não, nobre vereador, faltam ainda 15 segundos. Quando Abdoral sentou-se, disse Cau olhando para o relógio: agora faltam 9 segundos. Todos olhando o presidente, cada vez mais fixo no relógio da parede: agora 6, 4, 1 segundo; pronto, meia-noite.

A sessão acabou. Se o foguete subiu, ninguém sabe, ninguém viu, mas todo mundo riu. (PABLO).



FALANDO DE ANJOS

Cesar Faria, grande violonista e pai do Paulinho da Viola, lembrando-se de que já estivera em Jundiá, tocando com o regional de Jacó do Bandolim, no sítio do Vazinho (isso há uns 6 anos), perguntou: "E aquele clarinetista incrível? Ainda está vivo?"

Queria saber do maravilhoso Aquilino, que infelizmente foi chamado pra tocar lá no Céu. (E.M.)

OLHO & RAMELA

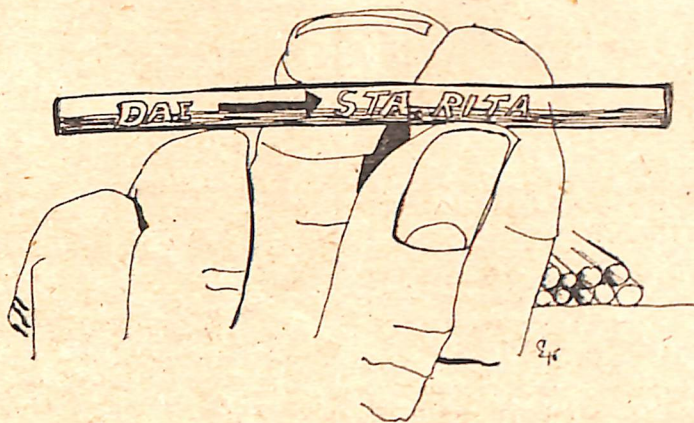
Acompanhando Paulinho da Viola, no show do "Balaio": Cesar Faria, integrante do regional "Época de Ouro", do Jacó (violão), maestro Copinha, 50 anos de música popular brasileira (flauta), Chaplin (percussão), Hercules (bateria) e Dininho, filho de Dino Silva, o maior violonista de acompanhamento do Brasil (baixo).

E uma parte do povo cascadeando no bar, copinho de Drury's na mão, rindo, rindo. (E.M.)

CAÇA À RAPOSA

João Bosco canta suas músicas com letras de Aldir Blanc. Disco indispensável pra quem gosta de música brasileira. Corram comprá-lo no Copelli, Curadinho ou Charles, antes que acabe! (Picoco)

ZEBRA, SÓ NA ÁGUA



O Hospital Santa Rita de Cássia vai de vento em popa: todos os primeiros com leitos colocados à disposição da Jundiá-Clinicas têm permanecido totalmente ocupados e o atendimento dos pacientes é do mais elevado padrão, aliás, confirmando o previsto e anunciado. O único "furo" foi na busca de água arteziana: foi perfurado um poço com 172 metros de profundidade e nada da dita cuja. Enquanto a água não é for-

neçada, pelos canais competentes, em quantidade suficiente, a busca continua e o hospital vai sendo atendido por 5 caminhões diários do líquido, oficialmente adquiridos ao DAE.

Que não aconteça de numa perfuração, ao invés de água se encontre petróleo. Já imaginaram ter que canalizar tudo pro DAE, para pagamento das contas de água? (C.F.P.)

DEVE HAVER LINGUIÇA DEBAIXO DESSE ARROZ...

Os rádio-ouvintes, ou seja, aqueles que só ficam sabendo das coisas "de ouvido", obviamente não ficaram sabendo de nada (sequer imaginaram), e tampouco aqueles que têm ido assistir às sessões "ao vivo" (e por que queriam saber? já não lhes basta ter o nome anunciado pelo presidente da Mesa? ou mais precisa e frequentemente pelo vereador Girola?). Mas o fato é que lá

se verificou, há três semanas, uma radical mudança. Provavelmente inspirada no "Fantasma da Liberdade". Fato é que depois de um de seus cardápios ter sido anunciado pelo Jornal de 2.a (frangulhos fritos, croquetes e refrigerantes, além de algumas pizzas, lombinho etc.), os nobres edis passaram a fazer suas refeições (aquela entre as 20 — depois do jantar — e às 24 horas) secretamente,

fora das vistas (indiscretas) dos jornalistas. Nesse autoconfinamento é que talvez tenha surgido a inspiração para novas restrições à imprensa, postas em prática já na sessão passada, quando os repórteres políticos não conseguiram passar da portaria do Palácio da Esplanada para se servirem (de informações) na secretaria. (C.F.P.)

VOCÊ PRECISA É SER INVESTIGADOR

Se você pensa que é uma boa esse filme "Assassinato no Orient Express", passado aqui em Jundiá, está perdido porque você perdeu os depoimentos de Michael York e da Jackline Bisset ao inspetor Poirot e não viu a parte mais importante do depoimento da Ingrid Bergmann, onde ela diz em inglês o que inglês nenhum diz (e por isso cai do cavalo, como se diz na gíria), e também não percebeu o "corte" no depoimento da Lauren Bacal, etc. etc. etc.

Você não tem culpa nenhuma se o filme chegou aqui faltando uma meia dúzia de pedaços (no máximo uns 30 minutos de cortes)!

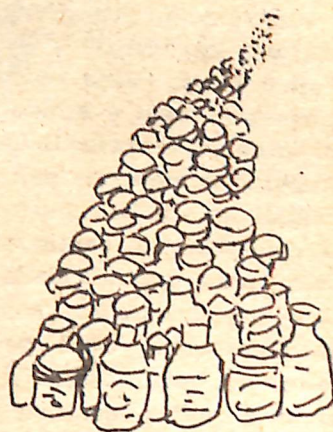
Bom filme em Jundiá é isso aí. E olha lá: de 10 em 10 anos! Não estou mandando ver em São Paulo não, de forma alguma. (C.F.P.)

MICHI SELECIONADO

De 480 inscritos, apenas 27 artistas foram selecionados para a XII Bienal de São Paulo, julgamento realizado no dia 2.

Walmir Ayala, Flavio Motta, Olney Krause, Danilo Di Prete, Wolfgang Pfeiffer, Liseta Levy e Harry Laus compuseram o juri de seleção que escolheu Michinori Inagaki (um semi-jundiense) entre os 27. (E.M.)

OS REMÉDIOS PROIBIDOS, AQUI E LÁ



Como o Ministério da Saúde ainda não sabia que laboratórios estrangeiros vendem 35.000 remédios proibidos em seus países de origem, denunciaram (ou dedaram), a "novidade" ao nosso Governo Federal que, por sua vez, denunciou ao referido Ministério da Saúde a mesma "novidade", para que o órgão exerça uma fiscalização mais severa no tocante à venda de medicamentos proibidos em outros países.

Esta notinha é para "denunciar" — dedar, se vocês quiserem — que o número de medicamentos brasileiros proibidos para venda no Brasil e que são vendidos em outros países, é muito maior, infinitamente maior que 35.000. (Célia de Freitas)

FAÇA DA SUA RUA, VOCÊ MESMO, UMA 5.a AVENIDA

Aos inúmeros leitores que nos vêm telefonando, insistindo para que publiquemos foto do buraco existente defronte à sua casa, sem má vontade e compreendendo o drama de cada um (que é praticamente de todos), fazemos a seguinte sugestão: convençam-se, através da mentalização, da hipnose ou de qualquer outro processo; que os buracos não constituem perigo nenhum, mesmo porque — e vocês têm que admitir a si mesmos — de avião se passa sobre eles muito bem. Além do mais, tentem encher esses buracos de água (peçam uma ajudinha ao DAE), depois cubram de flores e fim de papo. Então vocês vão ver que sua rua acaba ficando mais bonita que a 5.a Avenida de Nova Iorque. Num piscar de olhos vocês vão ver como é possível isso. Aí, ao invés de dizer "como esses buracos enfeiam nossa rua", dirão: "Como esses buracos enfeitam nossa rua!" Podem por até mais exclamações. (Célia de Freitas)

Surrealismo em Jundiaí

Muita gente na Cuca pra ver os trabalhos de Walter Levy. Esta nova exposição, como é sabido, foi promovida pelo Beto Cecchi que empresta para Jundiaí seu estabelecimento comercial, a boutique Cuca, para que a cidade disponha de espaço, nos fins-de-semana, onde se possa ver, sentir, tocar e adquirir obras de arte. Uma vez por mês lá estão os grandes da pintura, escultura, gravura, desenho do cenário brasileiro. Cada exposição é precedida de convites, anúncios, verdadeiros "press-releases", e vêm, com a maior das boas-vontades gente como o atual Walter Levy, o Guilherme de Faria, Charoux, o Laus e outros. Além disto, naturalmente,

pra quem convida, e o Beto conhece as regras, é dever servir bem. E não falta uísque, salgadinhos, ou seja, um bom serviço. Quanto custa a entrada? "Crazy people", é de graça. Então ninguém mais pode reclamar, dizer que não tem ambiente, dizer que é classista, pra elite etc. etc. Naturalmente, quem não comparece a estas reuniões, versão moderna dos antigos saraus de poesia, nunca vai poder sentar ali no chão da casa e reunir-se a um grupo qualquer, bater um bom papo, transar uma de arte, conhecer maravilhosas obras, vivenciar os grandes nomes vivos deste controvertido cenário. E desse convívio, absorver o que de melhor servir para a



Walter Levy, Beto Cecchi e J. Alberto M. Barbosa

cultura individual que, sabemos, cada um prepara pra si.

Conversados? Então vamos ao Walter Levy. Nasceu em Obelsloe, na Alemanha. Na década de 20,

em Dortmund, ele frequentou a Escola de Artes e Ofício e se iniciou no desenho e na gravura. E' da corrente do realismo mágico, nessa época. Em 1937, antes da guerra, emi-

grou para o Brasil. Em 44, com Clóvis Graciano, fez sua primeira exposição em nosso País. Daí papou Bienais e virou mundo. Em 1974, o Museu de Arte Moderna de São Paulo fez uma retrospectiva de sua obra denominada: "35 anos de arte no Brasil". No mesmo ano foi considerado "O Melhor Pintor do Ano", título outorgado pela Associação Brasileira de Arte. E daí veio até Jundiaí. Não é legal? Em tempo: é surrealista, de uma pintura onírica, mas, pelo visto, desligado do universo freudiano.

E agora, voltando à Cuca: a próxima exposição será da Renina Katz. O que será, naturalmente, chance pra outro papo. **EDUARDO**

Um show ou uma lição para as mulheres?



O show de Cidinha Campos, trazido a esta cidade por obra, graça e intenção da Feira da Amizade, e que, por sua forma e conteúdo, tinha tudo para se transformar num proveitoso bate-papo com o público feminino, numa reunião de amigas onde qualquer uma pudesse se manifestar, fazer o seu desabafo, na verdade — isto em função, exclusivamente, da apatia delas — não passou de um monólogo, como admitiu a própria apresentadora depois de inútil esforço no sentido da abertura do debate.

Como a contrariar o próprio título "Homem não entra", nesse show, onde muitos pensavam que só se falaria de mulher, a única coisa de que se falou foi homem. Enganaram-se, pois, os que pensaram que as mulheres fossem se fechar no cinema (é necessário lembrar que em Jundiaí não há teatro?) para falar do sexo forte — ou frágil, como frisou Cidinha: ("Digo sexo frágil porque, por exemplo, se um homem sente uma pontada do lado esquerdo nunca são gases — é câncer ou coração. Já a mulher pode ter pontada do lado direito, do lado esquerdo, de todo lado, que está cuidando da casa, do marido, dos filhos...").

Cidinha não fez suas afirmações como uma crítica ao homem, mas sim como uma verdade. Outra coisa que ela lembrou é que o homem é uma raça em extinção e que nós mulheres devemos tomar cuidado com os nossos homens senão... A não ser que o Brasil, seguindo exemplo

dos Estados Unidos, comece a fabricar homens de borracha: "Já pensaram entrar numa loja e dizer ao balconista: 'Por favor, me embrulhe um Tarcísio Meira, para presente; é para uma amiga que tem mania de Glória Menezes'". Até que ia ser uma boa: homem de borracha não reclama, não sente pontadas aqui e ali, é ótimo, não acham? Tem mil e uma utilidades!"

Disse também que as mulheres são uma classe muito desunida, em sua maioria umas fofoqueiras e que não são realmente amigas umas das outras.

Para finalizar, ela fez uma homenagem (muito merecida) às prostitutas, que são mulheres humilhadas, desclassificadas pela sociedade que muitas vezes foi quem as levou à vida que levam. Mulheres que foram levadas por causa de uma primeira desilusão amorosa, que os homens descontam nelas problemas particulares que as próprias esposas criam, problemas profissionais, etc. Elas que muitas vezes servem de consolo, que muitas vezes escutam juras de amor e até promessas de casamento, mas sabem que ao se fechar a porta tudo se acabou. A elas que são tratadas como um objeto, a essas mulheres foi dedicado esse show, pelo qual devem agradecer todos, inclusive aqueles que, sem aparentar, têm também carregado o peso da podridão que é a sociedade que espezinha a prostituta.

DEBORAH DOBRETCHI

DOCUMENTO: DOCUMENTO

Rubens Gonçalves Rocha, profissão: arquiteto. Idade, 26, formado em Brasília onde esteve desde 1968. Informações anteriores: colégio e ginásio feitos em São Sebastião do Paraíso, MG. Filho de pais vivos e católicos. Varão de uma família de duas irmãs, uma maior, outra menor. Vida até então cheia de pão-de-queijo, quitanda e café bem ralo, um rapaz de estatura mediana, magro, moreno e galante. Duas vezes "Berimbau de Ouro", o "oscar" da capoeira no Brasil, faz iatismo, esteve empregado numa construtora da Capital federal até que passou a acionista da mesma, como diretor técnico. Daí, pelo adiantado da hora, resolve escrever aos pais:

Garimpo Pedra Branca, 30 de julho de 1975.

Queridos pais, irmãs etc.

Suas bênçãos e minhas saudades. Fazendo uma retrospectiva, a viagem de Paraíso a Brasília foi tranquila. Lá chegando tratamos de arrumar o resto das coisas e acertar com o piloto o dia do voo e acabamos tendo que desmarcar duas vezes por não termos acertado tudo ainda. Foi quando apareceram o Walter e o Paulinho que voltavam de jipe para comprar umas peças que faltavam e fizemos a viagem para cá com eles.

Na viagem já começou o batismo de garimpeiro iniciante, que aqui chamam de "curau". O jipe estava sem capota e sem pára-brisa e como saímos à tardinha, no início foi poeira e a medida que escurecia ia gelando e o vento cortava. Tocamos até São João da Aliança onde jantamos numa pensão à luz de velas, uma comida de fogão a lenha. Aproveitamos uma fogueira dos motoristas de caminhão para esquentar um pouco e fomos até o "Posto do Alemão" onde tiramos a poeira e dormimos. De manhã colocamos o trator na carreta e continuamos por uma estrada maravilhosa, já que com o peso do trator o jipe ia mais devagar, o que permitia a gente curtir a paisagem de sertão virgem por onde passávamos.

Almoçamos em Alto Paraíso. Compramos alguns legumes e à noite foi nos encontrar a uns 20 quilômetros do Garimpo. Foi aí que o jipe resolveu não mais subir o tope. Tentamos várias vezes. Depois armamos as redes no mato e dormimos. No meio da noite fomos despertados por um caminhão que não podia passar o que aproveitamos para rebocar a carreta até o tope. Andamos mais 5 quilômetros e um buraco (cratera) quebrou a cruzeta da tração traseira e como só com a dianteira não dava pra puxar a carreta, começou outra novela: tira trator, tira carga, puxa a carreta vazia, não dá, bota carga de novo, larga carreta e vem só com o jipe. Tivemos que subir a serra toda de ré, chegamos cobertos de poeira.

O pessoal já tinha construído um rancho de 5x7 coberto com o encerado que serve de oficina, almoço etc., outra coberta para a cozinha, que por falar nisso o mestre cuca Pelé está tocando muito bem, uma cobertura para a máquina de solda e gerador e a barraca de acampar onde dormimos.

Agora, depois de 3 dias consertando jipe, buscando madeira, a carreta e o trator que tinham ficado pra trás, deu pra tomar um folego e vários banhos no rio das pedras.

Estamos pesquisando em dois lugares até acertarmos um garimpo para trabalhar, enquanto isso, o trator está aplainando uma colina com vista para todo o vale onde vamos construir a nossa residência definitiva, que já projetei. Tem até varanda e banheiro.

O pessoal que conheci até agora só merece elogios. Muitos trouxeram até família e você vê muitas crianças brincando em volta das minas e o clima é de muita cooperação e boa vontade, próprios de pessoas simples.

Já encontramos uns três velos que são indícios do minério. Nesse fim-de-semana vamos até a vila para contratar um pessoal para trabalhar neles.

Um dia normal nosso está sendo acordar às seis com um bom cheiro de chá e café que o Pelé já fez, respirar um ar puro de montanha, botar uma roupa de briga, subir uns 100 metros de serra e pegar ora na picareta, ora no trator e dar duro até às onze quando a gente desce com uma fome de leão e saboreia um arroz integral, um feijão, batatas e chá gelado. Uma descançada depois do almoço e ou se volta para a escavação ou se vai procurar outros indícios pela serra até às cinco, com um sol de torrar os miolos.

O nosso banho é tomado numa grande banheira natural, de pedra, formada num regato de águas geladas. Depois de um jantar não menos elogiável que o almoço, uma rapadura, chá quente já que as noites são muito frias e um violão com músicas regionais que o Walter canta, ou nos vizinhos, cobertos com o céu de azul profundo e estrelas gigantes, produzindo um silêncio de sonho. Amanhã o pessoal vai até Arraías e estou aproveitando para mandar estas primeiras notícias. Eles são muito amigos do dono do hotel e vocês poderão mandar a correspondência para lá da seguinte maneira:

Rubens Rocha
a/c Odilon Nestor
Hotel Arraías
Arraías — GO

Mandem notícias de tudo e de todos. Esperando que vocês estejam em muita paz e harmonia, fico aqui neste sertão mandando as melhores vibrações a todos e também a afirmação de que por aqui realmente vai tudo bem.

Paz

Rubens.

O Rubinho, como é conhecido aqui em Jundiaí, esteve em 1974 dançando na casa do Duto Sperry Cesar, durante uma festa de aniversário e participou de vários carnavais como líder de uma escola de samba, o Bafo da Onça. Quebrou o pé jogando uma partida de voleibol, e, quando quis, partiu para o garimpo em Goiás.

EDUARDO